



O BRASIL HESPÉRICO E A BELA MORTE DE FERNÃO DE SÁ NO *DE GESTIS MENDI DE SAA* DE JOSÉ DE ANCHIETA, S. J.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas (Culturas da Antiguidade Clássica - Discurso Latino Clássico e Humanista), Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

Orientador: Prof. Doutor Carlos Antônio Kalil Tannus

Rio de Janeiro
2007

Leonardo Ferreira Kaltner

O BRASIL HESPÉRICO E A BELA MORTE DE FERNÃO DE SÁ NO *DE GESTIS MENDI SAA* DE JOSÉ DE ANCHIETA, S.J.

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

Rio de Janeiro, de de 2.....

Examinada por:

Prof. Doutor Carlos Antônio Kalil Tannus, Presidente

Profª. Doutora Vanda Santos Falseth (PPGLC-UFRJ)

Prof a. Dra. Flora Simonetti Coelho (UERJ)

Prof a. Doutora Cecília Lopes de Albuquerque (UFRJ)
Suplente

Prof. Dr. Miguel Barbosa do Rosário (UNESA)
Suplente

SINOPSE:

Análise e tradução do Livro I do poema épico *De Gestis Mendi de Saa* de José de Anchieta, a partir do mito do ocidente e da *Eneida* de Virgílio.

Dedico a meus familiares.

Agradeço a meu orientador, Professor Dr. Carlos Tannus, não só um grande estudioso do humanismo, mas também um grande humanista.

À CAPES, em razão da bolsa concedida, por honrar a excelência e a honestidade acadêmica.

À Universidade Federal do Rio de Janeiro e seu primoroso corpo docente.

**O BRASIL HESPÉRICO E A BELA MORTE DE FERNÃO DE SÁ NO *DE
GESTIS MENDI DE SAA* DE JOSÉ DE ANCHIETA S. J.**

Leonardo Ferreira Kaltner

Orientador: Prof. Dr. Carlos Antônio Kalil Tannus

Resumo da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas (Culturas da Antiguidade Clássica), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas (Culturas da Antiguidade Clássica).

Este trabalho consiste na análise do poema épico *De Gestis Mendi de Saa*, obra novilatina quinhentista brasileira, cuja autoria, conforme lição do Pe. Armando Cardoso, S. J., é confirmada como de Anchieta. Valemo-nos para este fim do texto estabelecido por Cardoso, a partir da *Editio* de 1563 de Coimbra e do manuscrito de Algorta, assim como da edição fac-símile da primeira edição do poema, a *Editio* impressa, em 1563, em Coimbra, publicada recentemente pela Fundação Biblioteca Nacional. Em nossa análise articulamos a épica virgiliana em relação ao mito hespérico e a reinscrição deste ciclo mítico no *De Gestis*, demonstrando como o mito da Hespéria, segundo a fundação de Roma narrada na *Eneida*, é, no humanismo, resgatado como cenário épico do Brasil do século XVI. Ademais, traduzimos a saga de Fernão de Sá, filho de Mem de Sá, parte integrante do livro I, um belo exemplo do *tópos* clássico da *pulchra mors*.

**O BRASIL HESPÉRICO E A BELA MORTE DE FERNÃO DE SÁ NO *DE
GESTIS MENDI DE SAA* DE JOSÉ DE ANCHIETA S. J.**

Leonardo Ferreira Kaltner

Orientador: Prof. Dr. Carlos Antônio Kalil Tannus

Abstract da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas (Culturas da Antiguidade Clássica), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas (Culturas da Antiguidade Clássica).

This work consists on the analysis of the epic poem *De Gestis Mendi de Saa*, Brazilian text composed in the Sixteenth century in Latin, whose author, by the lessons of Pe. Armando Cardoso, S. J., is José de Anchieta. The established text of Cardoso, who used the *Editio* of 1563 from Coimbra and the manuscript of Algorta, served my purpose, as long as the *fac-simile* of the first edition of the poem, the *Editio* of 1563 from Coimbra, published recently, in Brazil, by the Fundação Biblioteca Nacional. In my analysis I have articulated the epic of Virgil in relation to the Hesperic myth and the reinsertion of this mythic cycle in the *De Gestis*, showing as the myth of Hesperia, according to the foundation of Rome, which Virgil described in the *Aeneis*, is recaptured, in the style of Renaissance Humanism, as an epic *scenarium* of Sixteenth century Brazil. Then, I have translated the saga of Fernão de Sá, son of Mem de Sá, from the first book, which is a beautiful example of the classic *tópos* of the *pulchra mors*.

“...*pero era a cousa demaneira que andauam mesturados*”

Carta de Caminha, fl. 6, linh. 14-15

“Deus é brasileiro”

provérbio

“... e os indígenas tiveram pela primeira vez a idade do ferro”

Capistrano de Abreu, *O descobrimento do Brasil pelos*

Portugueses, pg. 24

“... somos uma província da civilização ocidental. Uma nova Roma, uma matriz ativa da civilização neolatina. Melhor que as outras porque

lavada em sangue negro e em sangue índio, cujo papel, doravante, menos que absorver europeidades, será ensinar o mundo a viver mais

alegre e mais feliz”

Darcy Ribeiro, *O povo brasileiro*, pg. 265.

“Uma Roma tardia e tropical. O Brasil é já a maior das nações neolatinas, pela magnitude populacional, e começa a sê-lo também por sua criatividade

artística e cultural.”

Idem, pg. 455.

“*Iesu, ... lumen inoccidum*”

De Gestis, v.120-1

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	10
2- HUMANISMO E NAVEGAÇÕES NO SÉCULO XVI	13
2.1- Humanismo	13
2.2- Navegações	17
2.3- A Companhia de Jesus	21
3- ANCHIETA: VIDA E OBRA	26
3.1- <i>De Gestis</i> e a vida de Anchieta	26
3.2- A França Antártica	30
4- O MITO DA HESPÉRIA	35
4.1- Versões clássicas	35
4.2- <i>Titanomachia</i> e <i>Gigantomachia</i>	41
5- DE GESTIS MENDI DE SAA	45
5.1- O primeiro momento: a utopia edênica e a <i>aurea aetas</i>	45
5.2- O segundo momento: a luta contra a antropofagia titânica	51
6- TRADUÇÃO: A SAGA DE FERNÃO DE SÁ	58
7- COMENTÁRIOS	78
8- CONCLUSÃO	98
BIBLIOGRAFIA	99

1- INTRODUÇÃO

Com este trabalho, a partir da obra *De Gestis Mendi de Saa*, de José de Anchieta, S.J., pretendemos estabelecer uma análise do relato da colonização dos portugueses no Brasil como um ciclo mítico, tendo por base a perspectiva épica da chegada de Enéias à Hespéria e o mito hespérico. Assim, o título do trabalho: *O Brasil hespérico e a bela morte de Fernão de Sá no De Gestis Mendi de Saa* resume a nossa proposta de analisar, a partir do interessante poema anchietano, o humanismo quinhentista brasileiro e as idéias da formação colonial do Brasil, demonstrando como a reinscrição da viagem mítica de Enéias à Hespéria servirá como diretriz para a análise da formação da sociedade colonial brasileira, na representação épica anchietana.

Nosso aporte inicial para estudar o *De Gestis* foi a edição do grande jesuíta Armando Cardoso. Valemo-nos, para tanto, de seu texto estabelecido e de seus argumentos que confirmam a autoria do poema como de Anchieta. Utilizamos, igualmente, a recente edição fac-símile da Fundação Biblioteca Nacional da *editio* de 1563 de Coimbra.

Esse *corpus* de trabalho foi nosso primeiro guia para a contextualização do latim humanista do Brasil, junto ao *De Beata Virgine Dei Matre Maria*, aos *Poemas Eucarísticos*, editados pela editora Loyola, assim como a edição de *Poesias* da editora Itatiaia, com o manuscrito, leitura diplomática e atualizada da lírica de Anchieta, versada nas quatro línguas em que escreveu: latim, português, espanhol e tupi.

Para analisar o contexto colonial brasileiro do século XVI, valemo-nos de pensadores do modernismo brasileiro, como Sérgio Buarque de Holanda (e.g. *Raízes do Brasil e Visão do Paraíso*), Caio Prado JR., o sociólogo Gilberto Freyre, o economista Celso Furtado, além dos textos fundamentais da historiografia brasileira, como *O*

descobrimento do Brasil pelos portugueses de Capistrano de Abreu, e dos livros de João Francisco Lisboa (*Crônicas do Brasil Colonial e Apontamentos para a História do Maranhão*), também da obra de Darcy Ribeiro, principalmente no que diz respeito ao impacto da colonização européia sobre os índios.

Linguisticamente, apoiamo-nos na riquíssima obra de Serafim da Silva Neto (e.g. *História da Língua Portuguesa, História do Latim Vulgar*), além de valermo-nos das obras de Ernesto Faria, de Ernout, dentre outros teóricos da língua latina. Para a análise do mito hespérico, utilizamos a clássica obra de Junito Brandão, *Mitologia Grega*, o dicionário de Antiguidades Clássicas de Harry Thurston Peck, as *Metamorfoses* de Ovídio, as *Odes* de Horácio, o dicionário de Grimal, obras de Vernant, entre diversas outras fontes, enquanto para analisarmos a *Eneida*, serviram-nos os comentários do gramático *Maurus Seruius Honoratus*, e, por fim, os do arqueólogo José Maria Blazquez com sua fundamental obra *España Romana*.

Nosso esforço inicial foi, também, reunir o que pensadores de diversas áreas escreveram sobre a obra de Anchieta, direta e indiretamente, enquanto analisavam a formação da sociedade colonial brasileira, para desta forma em um movimento *ad fontes*, analisarmos o próprio pensamento anchietano, possibilitando uma exegese do poema. Seguimos as diretrizes críticas de Antônio Cândido, de sua *Formação da literatura brasileira*, misturando à análise do poema elementos externos, como a biografia do autor e o contexto da obra, quando necessário.

Nosso trabalho, ainda que se utilize de bibliografia especializada de diversas áreas, tem como escopo analisar a construção do espaço narrativo do *De Gestis*, os *regna brasillia*¹ (*sic*, Cf. *De Gestis*, v. 105), o Brasil, relacionando a construção deste

¹ Sobre a grafia de *Brasilles*, em seu texto estabelecido, e derivados com duplo l, diz o Jesuíta P. Cardoso: “Grafam-se sempre *Brasilles* e seus derivados com dois l, como o faz geralmente o manuscrito, por Anchieta usar o i sempre longo”. No fac-símile da *editio* de 1563 sempre é dada esta grafia, assim como no Manuscrito de Algorta (ANCHIETA, 1958, p.8).

espaço narrativo com a Hespéria em que Enéias funda Tróia e os desdobramentos do mito hespérico como o mito do ocidente.

2- HUMANISMO E NAVEGAÇÕES NO SÉC. XVI

2.1-Humanismo

O Humanismo é um movimento intelectual e espiritual renascentista que se manifestou, entre os séculos XIV e XVI, tendo seu surgimento na Itália com o poeta Petrarca (1304-1374). A origem do termo na Língua Portuguesa é controversa. Houaiss registra-o como advindo do francês *humanisme*, este por sua vez do alemão *Humanismus*, registrado em 1808 na obra do pedagogo bávaro F.J. Niethamer².

Como movimento intelectual, o Humanismo foi um período de profundo estudo das Humanidades, responsável pelo ressurgimento do antigo pensamento greco-romano, que resultou na composição de várias obras novilatinas, na confecção de dicionários, no trabalho de ecdóticos e gramáticos por toda Europa. A educação humanista tornou-se universal e as obras de Anchieta, escritas no Brasil, fazem parte deste contexto internacional.

A expressão novilatina portuguesa, concomitante com o Humanismo renascentista, gera um interessante contexto linguístico. Vemos que o latim no século XVI, em Portugal, concorre com as línguas da corte, português e espanhol, para a composição de obras de cronistas, historiadores e poetas, como atestam diversos escritores do período.

Em relação à língua portuguesa, Celso Cunha explica-nos que esta, por sua padronização sistemática tardia, seria mais apropriada à poesia do que à prosa (CUNHA, 1977, Cap. 6, *O português e sua origem rural*, p. 66-73):

² As *humanitates*, ou *humaniores litterae*, as Letras Clássicas relacionam-se ao termo *humanitas* utilizado por Cícero: “Neologismo utilizado por Cícero para traduzir o vocábulo *paideia*. (...) Saliente-se que *paideia* se referia não apenas a valores intelectuais, mas também a valores de ordem da cultura física e ainda de caráter religioso e moral. A dificuldade sentida pelos Romanos em criar o equivalente perfeito de *paideia* revela-se na multiplicidade de termos que lhe correspondem em latim...(...) Além de *humanitas* os

“Língua de contrastes, sob certos aspectos excessivamente conservadora, sob outros muito evolvida; ... ; língua de clérigos e notários, de ‘bons latinos’, mas também língua de guerreiros e conquistadores; língua mais apta para poesia do que para a prosa, o português apresenta todas aquelas liberdades e indecisões que caracterizam as línguas de base essencialmente rural...” (pg. 67)

E mais adiante:

“... é hoje, na elocução européia, uma língua acelerada, pelo obscurecimento das vogais pretônicas e postônicas. Não ditongou as vogais tônicas em sílaba aberta, como o francês, o italiano e o espanhol. O seu vocalismo tônico oral é o mesmo do latim vulgar, conservação que nos mostra como era tensa a pronúncia das vogais do latim lusitânico. É uma das poucas línguas de civilização que possuem vogais nasais e em número maior do que qualquer outra.” (pg. 67)

E por fim:

“A própria gramática descritiva se vê em permanente dificuldade para estabelecer normas rígidas no particular, porque as exceções, em geral, comprimem a regra” (pg. 68).

Por outro lado o latim, nesse aspecto, foi favorecido, no Renascimento, por já possuir uma ortografia e sintaxe de usos definidos. Enquanto uma tardia gramática da própria língua portuguesa e a ortografia baseada na fonética, como temos em Caminha, por exemplo, tornariam as variações do português facilitadas, dificultando a escrita, sem uma tradição de correção gramatical na prosa. Dessa forma, como língua rural em Portugal, vem ao Brasil para ser dominante em uma aristocracia também rural.

Diversas obras são escritas em português e latim, ao longo do século XV e XVI, a relação, porém, entre estas línguas, ultrapassa o simples bilinguismo sincrônico³. Daí,

mais importantes destes termos são os seguintes: *cultura, educatio, doctrina, studia, litterae e eruditio*”(Encicl. VERBO, 2000, vol. 15, pg. 151).

³ A relação entre português e o latim no humanismo, de um ponto de vista diacrônico é quase uma diglossia, se levarmos em conta a postura de Ernesto Faria, quando descreve as línguas neolatinas como o

o vínculo entre o latim e o português implicaria, na visão diacrônica, uma escolha, mais do que por puro bilinguismo, entre uma ou outra língua no registro poético. No *corpus* anchietano, escrito em quatro línguas, a escolha linguística é sua principal chave de compreensão.

O latim, língua originária do Lácio, derivada dos troncos indo-europeu, itálico e itálico-céltico, chegou à Ibéria em dois períodos da expansão romana: no século III a. C., e em 197 a.C., sendo fundada a Hispânia, província de Roma. O latim hispânico, *sermo hispaniensis*, língua prontamente assimilada na região ibérica, sobreviveu, com devida transformação, a duas maciças invasões: em 409 d.C. pelos germanos, e em 711 d.C. pelos árabes, esta última que durou ao menos sete séculos⁴.

A resistência do inicial *sermo hispaniensis* mostra-nos a profundidade de romanização deste território até o surgimento do romance, resistência que se deu graças a manobras políticas no período do Império Germânico e acompanhou sempre a fé católica em sua manutenção, como com os mouros. Este *sermo hispaniensis*, já próximo do romance, distanciava-se muito do latim clássico, por mudanças estruturais nos séculos vindouros à queda do Império romano.

Assim, no ocidente da Hispânia, após a queda de Roma, expulsão dos povos germânicos, como os alamanos, e a diluição do domínio árabe, no século XII, o latim bárbaro já era suplantado por uma nova língua românica: o português. Esta no último ano do século XV, pelas navegações dos Grandes Descobrimientos pelo oceano

“latim continuado”, (FARIA, 1995, pg. 23), mesma opinião de Ismael de Lima Coutinho (COUTINHO, 1954, p.37).

⁴ Em III a.C. os romanos invadem a Península, somente em 197 a.C. a tornam província, (COUTINHO, 1954, pg. 40), daí: “Podemos distinguir duas épocas principais na romanização da Ibéria. A primeira vai desde as guerras púnicas no tempo da República, até o estabelecimento do Império. (...) A segunda começa com o advento de Augusto... é época de paz e assimilação”. Depois segue uma cisão entre Ulterior e Citerior, na primeira estariam os *Lusitani*. (NETO, 1992, pg. 67). Para o período germânico idem, p. 316-332, o período árabe idem, p. 333-346, para o latim vulgar cf. NETO, 1977, p. 39-58.

Atlântico, aporta no Brasil e é registrada na Carta de Pero Vaz de Caminha, uma língua com trezentos anos de expressão⁵.

Porém, o latim clássico não se havia de todo perdido, e nunca em outra época tanto se produziu na forma mais culta da língua do Lácio como no Humanismo. Um grande esforço de comparação de manuscritos medievais, elaboração de gramáticas e edições críticas criaram o conceito de uma língua clássica, e após sua conceituação, o latim clássico tornou-se a expressão do Humanismo português herdado da tradição francesa e italiana.

Depois da queda de Roma somente encontramos a partir do Humanismo um latim tão próximo aos cânones linguísticos do período clássico. Embora o latim humanista careça de certos acertos fonéticos que somente a filologia pôde determinar, como a pronúncia e grafia de ditongos, podemos afirmar que foi o Humanismo um período histórico do qual restam fontes conhecidas e documentais em que o latim clássico foi a principal expressão literária.

A partir do século XV, em Portugal, duas expressões linguísticas concorriam: o latim clássico e o português, a língua universal dos humanistas e a particular, a escrita etimológica de uma língua fixada no tempo e a fonética, ainda em vias de normatização. Contudo, historicamente, o latim humanista difere do latim da Roma republicana ou imperial. Pois os romanos viveram as fases da língua latina diacronicamente, uma etapa de cada vez. Assim, o latim à época de Plauto e Catão não era o mesmo à época de Cícero ou Virgílio. Da mesma forma que diatopicamente o latim na região em que vivia Apuleio não era o mesmo de César ou Sêneca. Disto, também, infere-se que o

⁵ Diferentemente de outras línguas românicas, o português guarda certos arcaísmos, como o uso de *edere*, em comer, enquanto as demais línguas românicas optaram por **manducare*. Por outro lado há certas inovações fonéticas como o grupamento “dor” e “cor”, de *dolore* e *colore*, que em italiano, espanhol e francês preservaram o /l/ intervocálico. Para a análise dessas diferenciações e outras, ver VIDOS, 1996, cap. 5, p. 295-322.

conhecimento que os autores romanos tinham de sua cultura era restrito à sua época e à anterior, geograficamente aos lugares romanizados em que viveram ou visitaram.

Somente na era moderna, do Renascimento, a cultura clássica pôde ser vislumbrada em sua totalidade, ainda que fragmentária, e a partir disso que o conceito de latim humanista pôde ter uma expressão clássica baseada no conjunto da latinidade. Graças à arte comparativa dessa época temos edições de textos clássicos, o trabalho dos ecdóticos em edições críticas, comparando os manuscritos, em sua maioria do século X, além da edição de gramáticas e dicionários, com o início dos estudos clássicos e a reinterpretação da Antiguidade.

2.2- Navegações

Não podemos falar do Renascimento português sem nos referirmos às navegações ocidentais do século XVI. Os Descobrimientos luso-hispânicos foram empreendimentos antes globais do que nacionais, frutos de um desenvolvimento que se inicia na Baixa Idade Média com a crescente monetarização européia. Sua recepção pelos homens de letras portugueses vai do excepcional deslumbramento, registrado por uma visão épica, a uma lamentação ética e econômica, principalmente no caso do Brasil, sob a égide do Mercantilismo.

As navegações portuguesas sucedem após uma grande estagnação econômica da Idade Média feudal, que só Veneza, Nápoles e Gênova puderam evitar pelo comércio, através do mar Mediterrâneo, com a antiga capital do Império Romano do Oriente. Em seguida a Europa atravessou um período de crescente monetarização, transfigurando os feudos descentralizados e autônomos, que deram lugar a cidades, regidas por um poder

central e absoluto, garantido não só pela força, mas pelo poder divino. Assim nasciam os Estados modernos absolutistas.

Havia, então, na Europa do século XII ao XIII, dois eixos de navegação comercial dominantes, um ao sul, desde as viagens de Marco Polo, quando os itálicos passaram a dominar o comércio de especiarias, como cravo, gengibre e pimenta. Por sua vez, estava na Europa setentrional a liga hanseática, no Mar do Norte e no Mar Báltico, associação de cidades alemãs do século XIII, substituta do domínio viking desses mares. Este povo com vastas rotas de comércio acumulou ao longo do século X considerável riqueza, inclusive de prata, tendo negociado com os árabes e com Bizâncio.

Logo, essa hegemonia talassocrática bipolar de itálicos e germânicos defasava a navegação ibérica no Mediterrâneo. À Espanha, Portugal, também Holanda, Inglaterra e França, restaria como possibilidade singlar as águas do Ocidente, morada mitológica do gigante Atlas, o Oceano Atlântico, as portas da Hespéria.

A antecipada formação do Estado português e sua autonomia devem-se a uma crise real ibérica entre 1383-1385, quando uma revolta pela sucessão do Rei Fernando I, sem herdeiros, pôs em choque D. João de Castela, apoiado pela nobreza feudal, de cavaleiros e proprietários de terras, e D. João, Mestre de Avis, apoiado por comerciantes e artesãos, gente mais voltada às navegações.

Esse certame, entre um mundo arcaico-agrário e o moderno-mercantil, um mundo aristocrático e o burguês, foi vencido pela modernidade. Assim, D. João I, Mestre de Avis, vence em Aljubarrota a batalha final e Portugal nasce como um Estado moderno e absolutista.

Depois de vencida a batalha, devido ao apoio de comerciantes desejosos de uma expansão comercial, com o apoio do Estado, e para afastar de sua corte uma nobreza

desejosa de glória em novos combates, tendo por outro lado a pressão da hegemonia supracitada do Mediterrâneo, a liderança portuguesa cogita outras vias de expansão. Surge a política expansionista na África e, *a posteriori*, a procura por uma rota austral de navegação, pelo Atlântico, tentando evitar, além da concorrência europeia, as caravanas árabes que atravessavam o deserto, buscando a fonte do ferro, chumbo, estanho, trigo, seda, açúcar, marfim e verniz das Índias.

A profunda relação dos portugueses com os árabes, geradora da cultura moçárabe, inclusive com semitas, faz deste povo oriundo inicialmente de romanos e celtiberos o mais propício para a dinâmica comercial do século XVI. Pois miscigenados, acostumados a um clima tanto africano quanto europeu, foram os portugueses mais que os vikings, por exemplo, capazes de fixar bases de comércio orientais, as feitorias, e, com um contingente populacional mínimo, fundar um vasto império ultramarino.

Em 1415, D. João I conquista aos mouros a cidade de Ceuta, litoral norte da África, e constrói sua primeira armada. Para governá-la envia seu filho o Infante D. Henrique. Até 1412 o limite das navegações portuguesas foi o Cabo Bojador. O Infante, em Algarve⁶, cria a Escola de Sagres, reunindo marinheiros de diversas nacionalidades, geômetras, astrônomos, a fim de que o ajudassem a otimizar suas técnicas de navegação.

Logo, em 1416, Gonçalo Velho atinge as Canárias (PERES, 1943, p. 44-45), e em 1434, no reinado de D. Duarte, o Bojador é ultrapassado (*op. cit.*, 1943, p. 79). A partir daí uma crise no expansionismo africano e na sucessão real atrasariam para o reinado de D. João II, com o navegador Bartolomeu Dias, que dobraria o Cabo da Tormenta, a travessia do último marco para alcançar as Índias pelo Atlântico (*op. cit.*, 1943, p. 213). A saga africana findar-se-ia com Vasco da Gama em 1498 (*op. cit.*, 1943,

⁶ O significado árabe de Algarve é ocidente, logo, Hespéria. Este é o sentido que podemos atribuir ao título Real de D. Afonso V, rei de Portugal e Algarves, cf. TANNUS, 1988, pg. 79.

p. 291) , já no reinado de D. Manuel. Transposto o Cabo da Tormenta torna-se o cabo da Boa Esperança. Este périplo é o tema de Camões em *Os Lusíadas*, da mesma forma que a colonização do Brasil é o tema do *De Gestis* de Anchieta, um rumo ao oriente, outro ao ocidente.

Em 1481, Cristóvão Colombo dirigir-se-ia a D. João II pedindo uma frota. Na ocasião expunha o seu projeto: *o nascente pelo poente*, isto é, atingir as Índias por uma navegação ocidental, singrando o Atlântico, mas a côrte negara o dispêndio com novas rotas, porque toda a política expansionista se concentrara na África. Somente em 1492, Colombo conseguiria atingir o *Nouus Mundus*, as Américas, com esquadra espanhola, sob tutela do Rei Fernando de Espanha, desta viagem restou-nos o relato da carta *De insulis in mari Indico repertis*, que batizou o continente de *Nouus Mundus*.

Já em 1494, cientes do *Nouus Mundus*, Portugal e Espanha assinam o Tratado de Tordesilhas, reconfirmando a hegemonia espanhola concedida pela *Bula inter coetera* de 1493, pela autoridade do papa Alexandre IV⁷.

Em 1485, mesma década da viagem de Bartolomeu Dias e da apresentação do projeto de Colombo a D. João II, temos a chegada do humanista italiano Cataldo Parísio Sículo a Portugal. Chamado como preceptor de D. Jorge de Lancastre, filho bastardo de D. João II. Cataldo doutorara-se em direito civil e pontifício na Universidade de Ferrara em 1484.

Por intermédio de Fernando Coutinho, que, mais tarde, se torna bispo de Lamego e Silves, Cataldo fora contratado para o cargo de *orator*, secretário latino e orador oficial de D. João II. Assim, o humanista dividia suas atividades entre a política

⁷ Ver LISBOA, 1978, p.80-85, que a traduziu do francês, não conseguimos o original latino: “E por outra parte defendemos e proibimos sob pena de excomunhão a toda qualquer pessoa... que vá...a algumas das ditas ilhas e terras firmes, já descobertas ou por descobrir, da banda do ocidente ao meio-dia... a 100 léguas de distância da ilha dos Açores e Cabo Verde”. Para Darcy está na doação incondicional de terras desta bula a origem da aristocracia latifundiária do Brasil (RIBEIRO, 2002, pg. 40).

administrativa, as relações públicas internacionais e a educação, que são três dos eixos de ação do humanismo.

Cataldo formou uma geração de brilhantes alunos como D. Pedro de Menezes, Leonor de Noronha, D. Jaime, D. Diniz, entre outros, ao mesmo tempo que fomentou o latim na vida pública de Portugal. Sua figura é decisiva por mostrar que a formação de humanistas seria útil ao Estado português (cf. TANNUS, 1988, p. 18-26, RAMALHO, 1969, p. 31 e seguintes).

Todas essas transformações simultâneas na corte de D. João II culminam, após seu falecimento, com o reinado de D. Manuel, chamado o Venturoso, que vê Portugal alcançar as Américas, nas terras do vindouro Brasil. Dessa forma, Portugal insere-se em um sistema global de comércio, enquanto as humanidades clássicas instalam-se na cultura portuguesa.

Porém, será somente com D. João III que, fundados a Universidade de Coimbra e o Real Colégio das Artes, e com a instituição do Governo-geral no Brasil, teremos o surgimento das duas principais figuras de nosso trabalho: José de Anchieta e Mem de Sá. Portanto, como procuramos demonstrar, há um profundo vínculo entre as Navegações e o Humanismo clássico, ambos fundamentais na formação do Brasil, ambos os grandes dínamos da colonização do Brasil, como é narrado no *De Gestis*.

2.3- A Companhia de Jesus

Martin Luther, Martinho Lutero (1483-1546), mentor espiritual da Reforma, nascido em *Eisleben*, na Alemanha, foi um teólogo que gerou controvérsias por toda Europa. A Companhia de Jesus nasce como resposta às suas idéias reformistas, daí em

um movimento de Contra-Reforma. Portanto, para compreendermos a motivação jesuítica, passemos a uma análise breve do movimento reformista.

Lutero, em 1505, entrou para a ordem dos agostinianos de *Erfurt*. No mosteiro dedicava-se com afinco às orações, à meditação, às auto-flagelações, às peregrinações e à confissão. Em 1508, leciona teologia em Wittenberg, como bacharel em Estudos bíblicos. Em 1510, visita Roma, quando então surge seu descontentamento com a Igreja. Em 1512 torna-se Doutor em Teologia. A partir de então, prepara uma tradução da Bíblia, a partir do grego e do hebraico (CHADWICK, 1964, p. 43-46).

Esse estudo levou Lutero a reinterpretar muitos conceitos bíblicos e tradições oriundos do cristianismo ocidental latinizado. Sua busca *ad fontes* levou-o a concluir que a Salvação era um benefício concedido apenas por Deus, dado pela Graça divina através de Jesus Cristo e recebido apenas com a Fé, o que reduziria o poder clerical, daí o papal.

Todavia, a maior controvérsia que causou, em seu tempo, foi ocasionada por sua crítica às indulgências vendidas aos fiéis pela Igreja. A indulgência era a remissão dos castigos relacionados aos pecados, após a absolvição. Deste modo, a Igreja vendia as indulgências até para parentes de mortos que julgassem estar no Purgatório.

Por ocorrerem viagens como a do frade Johann Tetzel (1465-1519), recrutado para vender indulgências, através dos territórios episcopais do arcebispo Alberto de Mogúncia⁸, com o objetivo de financiar as reformas da Basílica de São Pedro, em Roma, Lutero escrevia sermões contra a venda destas indulgências, entre 1516-1517, e revoltava-se com o Papa.

⁸ Alberto de Mogúncia era arcebispo de Magdeburgo cuja diocese abrigava Wittenberg, era administrador da sé de Helberstadt, contraíra um empréstimo com os banqueiros Fugger de Augsburg, proclamaria a Indulgência, na Alemanha, como garantia do empréstimo (CHADWICK, 1964, p. 41). A Renascença mostrava-se onerosa às finanças de seus mantenedores.

Em 1517, as *95 Teses* de Lutero, escritas em latim, são coladas à porta da Igreja do Castelo de *Wittenberg*. Estas teses condenavam a Igreja como pagã e avara, criticando teologicamente as indulgências. Em dois meses a Europa discutia avidamente as *Teses*, pois a técnica de impressão permitia rápida divulgação delas. Contudo, a Contra-Reforma inicia-se quando o Papa Leão X ordena, em 1518, o teólogo dominicano Silvestro Mazzolini a refutar Lutero como herege. As *Teses* confirmavam a idéia de cisão, como a 26, 32 e 44⁹.

A réplica de Lutero, durante uma convenção dos Agostinianos em Heidelberg, resultou na contestação da autoridade papal, em seguida na negação desta autoridade, pois recusava-se a aceitar a venda de indulgências, que Roma defendia a partir da bula *Unigenitus* (1343) do Papa Clemente VI. Lutero exigia um Concílio e, em 1519, em um debate em Leipzig, negou que a salvação pertencesse à Igreja Católica Ocidental, sendo somente da Igreja Ortodoxa.

Entrou em contato com teólogos humanistas, como Melanchthon (1497-1560) autor da *Confissão de Augsburgo*, Reuchlin (1455-1522), grande promotor dos estudos de grego e hebraico, e Erasmo, *Desiderius Erasmus Roterodamus* (1469-1536), grande humanista holandês, que, com Lutero, aprofundaram mais o distanciamento com Roma, chegando a declarar o Papa como Anticristo.

Suas reivindicações incluíam a diminuição do corpo eclesiástico, abolição das rendas do Papa, o reconhecimento do governo secular, a eliminação dos excessivos dias santos, a supressão dos conventos para monjas, da mendicidade e da suntuosidade, a

⁹ 26-*Optime facit papa, quod non potestate clavis (quam nullam habet) sed per modum suffragii dat animabus remissionem* (O Papa faz bem quando garante remissão às almas não pelo poder das chaves (que ele não possui), mas por vias de interseção). 32-*Damnabuntur in eternum cum suis magistris, qui per litteras ueniarum securos sese credunt de sua salute* (Serão condenados eternamente, juntos com seus mestres, os que acreditam estarem eles mesmos certos de sua salvação porque eles têm carta de perdão). 44-*Quia per opus charitatis crescit charitas et fit homo melior, sed per uenias non fit melior sed tantummodo a poena liberior.*(Pois, a caridade cresce por obra da caridade e o homem se faz melhor, mas pelo perdão o homem não se torna melhor, apenas mais livre do castigo).

reforma das universidades e a abrogação do celibato do clero. O Papa Leão X excomungou Lutero a 3 de janeiro de 1521, na bula *Decet Romanum Pontificem*.

A Companhia de Jesus foi fundada por Inácio de Loyola (1491-1556), como uma das reações da Igreja Romana contra o Protestantismo. Inácio, Íñigo López nascido no castelo de Loyola, nas Vascongadas, em 1517 entra para o exército. Ferido na batalha de Pamplona, em 1521, lê sobre a vida de Cristo e dos Santos, decidindo devotar-se à conversão dos infiéis na Terra Santa, inspira-se sobretudo em São Francisco de Assis. Em 1522, no mosteiro dominicano de Montserrat depôs suas armas sobre uma imagem da Virgem.

Em 1534, fundou a Companhia de Jesus na Igreja de Santa Maria, em Montmartre, para efetuar trabalhos missionários (LEITE, 2004, vol. I, p.3). Esta é aprovada em 1537 pelo papa Paulo III, sendo seus sete fundadores ordenados padres em Veneza pelo bispo de Arbe. Os *Exercícios Espirituais* de Loyola foram publicados em 1538, as *Constituições Jesuíticas*, em 1554, mas a *Ratio Studiorum*, a grande súmula jesuítica, só veio a lume em 1599, síntese das ações anteriores da Companhia e guia das ações futuras (*op. cit.*, 2004, p. 47)

A *Ratio studiorum* consiste em um documento importante por mostrar como, pela organização da educação, os jesuítas pregaram o maior ideal do humanismo: a igualdade do homem independente de fatores seculares. A *Ratio* fazia-os tornarem-se exímios linguistas que catequizavam na língua do gentio (*op. cit.*, 2004, p. 29). Isso fê-los presentes *in partibus infidelium*, no Japão em 1549, na Índia, como em Fatehpur Sikri, em 1579, no Tibete, em 1624¹⁰.

¹⁰ O professor de humanidades tinha, por exemplo, como programa o *De arte Rhetorica* de Cipriano Soarese, a filosofia moral de Cícero, no *Pro Lege Manilia*, *Pro Archia*, *Pro Marcello*, era responsável também pela aula de sintaxe grega. (FARRELL, 1970, pg. 80). No original: *Regulae Professoris Humanitatis*, parágrafo 2, parte 1: *Praeceptorum rhetoricae brevis summa ex Cypriano (C. Soares S. I., De arte rhetorica)*, *secundo scilicet semestri, tradetur; quo tempore, omitta philosophia Ciceronis, faciliores aliquae eiusdem orationes, ut pro lege Manilla, pro Archia, pro Marcello, ceteraeque ad*

Inicialmente, vieram ao Brasil, entre outros, os jesuítas: Padre Manoel da Nóbrega (1517-1570) e o mestre Irmão Vicente Rodrigues (1528-15??), que aos 21 anos tornou-se o primeiro professor de latim do Brasil, na primeira escola brasileira fundada na Bahia, o Colégio de Jesus da Bahia, erguido à época da Igreja da Ajuda em Salvador (LEITE, 2004, vol. I, p. 13).

Joseph de Anchieta, S. J. (1534-1598), nascido em Tenerife, uma das ilhas Canárias, tendo estudado em Coimbra com Diogo de Teive, em seguida entrou para a Companhia de Jesus. Ordenado jesuíta, chegou ao Brasil com 19 anos na terceira expedição jesuítica para a colônia, era o ano de 1553 (*op. cit.*, 2004, p. 372-374, p. 204). Anchieta foi professor de latim no rústico Colégio das Artes de São Paulo, improvisado, mas feito segundo os moldes do Colégio de Coimbra, enquanto, no Colégio da Bahia, teve aulas da obra *Eneida* de Virgílio. E, assim, o latim era uma disciplina ensinada no Brasil antes do português.

Os jesuítas em 1570 possuíam três colégios de formação e aperfeiçoamento, no Brasil, feitos nos moldes do Colégio das Artes de Coimbra, no Rio de Janeiro, em Pernambuco e na Bahia, e cinco escolas catequéticas de indígenas em Porto Seguro, em Ilhéus, em São Vicente, no Espírito Santo e em São Paulo. Seu programa de disciplinas era próximo do que seria a *Ratio atque Instituto Studiorum*. Sua vinda ao Brasil no século XVI, para a conversão do gentio, seria uma reação à invasão dos franceses reformistas.

Caesarem habitae sumi poterunt. Graecae linguae parsilia pertinet ad hanc scholam, quae syn-taxis proprie dicitur. Curandum praeterea, ut mediocriter scriptores intelligant et scribere aliquid graece norint.

3- ANCHIETA: VIDA E OBRA

3.1- *De Gestis* e a vida de Anchieta

José de Anchieta nasceu em 19 de março de 1534 em São Cristóvão da Laguna, na ilha de Tenerife, parte das Canárias, teve ascendência paterna basca e ascendência materna da própria ilha, juntava-se a doze irmãos. Com 14 anos, dirige-se junto a seu irmão mais velho a Coimbra. Em seguida, mostra-se um brilhante aluno ao mestre Diogo de Teive e um exímio linguista no curso de Letras feito entre 1554-55. Findo este período ingressa na Companhia de Jesus, sendo enviado ao Brasil¹¹.

A ascendência de Anchieta influenciou sua carreira eclesiástica e suas obras. Tanto seu pai João Lopes de Anchieta, que tomou parte na Revolta dos Comuneiros contra Carlos V, era grande devoto da Virgem Maria, quanto sua mãe Mência Dias de Clavicko e Llarena, filha de judeus convertidos, cristãos-novos¹². Era descendente da família *Ancheta*, basca, e Sebastião de Llarena, judeu do Reino de Castela. Dessa forma a escolha de Coimbra para seus estudos foi guiada por essa ascendência.

¹¹ No livro a Vida de Anchieta do séc. XVII, Simão de Vasconcelos (VASCONCELOS, 1943, p. 14-15) nos narra: Corria o ano da nossa redenção de 1553 e corria ainda, como cousa nova e portentosa entre as gentes, o estranho descobrimento do novo mundo, que aparecera entre o abismo das águas do oceano, povoado de nações sem número de gentilidade, desamparado do socorro evangélico e alheio do conhecimento da fé, depois de nelas estar escondido desde à mesma criação da terra. Afim de alumiar estas gentes e este mundo novo tinha mandado o padre Simão Rodrigues de Azevedo, provincial de Portugal, com favor do Sereníssimo Rei D. João III, o primeiro socorro de seis varões de provada virtude, a saber, o padre Manuel da Nóbrega, superior, o padre João de Aspicuelta Navarro, o padre Antônio Pires e dous irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Jacome, partidos de Lisboa ao primeiro de Fevereiro de 1540 e logo outro por meio do padre Miguel de Torres, visitador da província de Portugal, de quatro padres, a saber, Afonso Braz, Salvador Rodrigues, Manuel de Paiva, Francisco Pires, partidos de Lisboa no ano de 1550. A esta empresa, pois tão assinalada, mandou agora em terceiro socorro daquelas almas desamparadas, ao nosso missionário José de Anchieta em companhia de seis outros religiosos, que resolveram ir acabar a vida entre aquela gente bárbara, e eram os seguintes: o padre Luís da Grã, reitor que fora do Colégio de Coimbra, o P. Braz Lourenço, o P. Ambrósio Pires e três irmãos João Gonçalves, Antônio Blasque e Gregório Serrão. Partiu este tão importante socorro de Lisboa a 8 de maio do ano já dito de 1553, ..., em companhia de D. Duarte da Costa, 2º governador do Brasil, fidalgo ilustre, filho de D. Álvaro Costa, embaixador que foi del-Rei D. Manuel ao imperador Carlos V.

¹² A certidão de batismo de Anchieta data de 7 de abril de 1534, na folha 31 verso, do livro 1º de batismos da Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios, La Laguna em Tenerife, Espanha (LEITE, 2004, v. I, p. 420).

O conjunto das ilhas Canárias, nascedouro de Anchieta, chamadas no período clássico de ilha das Hespérides, *Fortunatae insulae*, como veremos, será o nosso ponto de partida para a leitura do Brasil hespérico como representação, no *De Gestis*, de uma realidade de ocidentalização baseada no mito. Assim, a obra de Anchieta revela-nos, além da erudição e beleza estética, uma representação integradora do Brasil ao mundo ocidental latino.

A chegada de Anchieta ao Brasil, com Duarte da Costa, é concomitante com a fundação dos colégios e escolas jesuíticos. Dá-se o início da conversão do gentio, pela busca da integração do indígena ao comércio colonial, junto à fundação de uma nova civilização ocidental. Isto porque o colono português, que sozinho era insuficiente para dominar a terra, teve no índio escravizado sua principal mão-de-obra, inicialmente.

Concorre a isto o fato de que os franceses também lutaram para fundar uma colônia no Brasil. Logo, a conversão do indígena e mestiços à fé católica seria suficiente para firmar a presença lusitana e o domínio colonial português. Desta forma, os jesuítas vieram incumbidos de realizar metafisicamente o que fisicamente Portugal não podia realizar: fixar no Brasil uma identidade ocidental.

A educação jesuítica foi uma forma de alcançar estes objetivos, e resultou numa das cenas mais características da narração da vida de Anchieta por diversos cronistas, como sua primeira experiência de docência em Piratininga, narrada por Simão de Vasconcelos, (*opus cit.*, 1943, cap.V, Parágrafo 3, pg. 33):

“Nesta extremada pobreza se abriu aqui a segunda classe de gramática que teve o Brasil (porque já na Bahia se tinha aberto uma); frequentavam-na doze dos nossos, que com o mestre eram treze, qual outro colégio de Cristo, e outro bom número de estudantes brancos e mamalucos, que acudiam das vilas já principiadas circunvizinhas. O trabalho era excessivo. Ainda naquele tempo não

havia naquelas partes cópias de livros, Esta falta remediava a caridade de José... escrevendo por própria mão tantos cadernos dos ditos preceitos quantos eram os discípulos, que ensinava,... passando nisto as noites...”

E no parágrafo seguinte:

“No mesmo momento era mestre e era discípulo, e os mesmos lhe serviam de discípulos e mestres, porque na mesma classe, falando latim, alcançou da fala dos que o ouviam a mor parte da língua do Brasil, que brevemente aperfeiçoou, com tal exigência que pode reduzir aquele idioma bárbaro a modo e regras gramaticais, compondo arte dela, tão perfeita que, aprovada dos mais famosos línguas, foi dada à impressão e tem servido de guia e mestra daquela faculdade aos que depois vieram.”

Assim, o trabalho jesuítico, buscava inicialmente formar catecúmenos antes doutores e letrados, do que fomentar a vocação à técnica, como faziam os franciscanos. Estes, antes, valorizavam a educação por artes manuais, mais interessantes até mesmo aos índios. Foi com o curumim catecúmeno do jesuíta, com a cunhã esposa do colono e o homem indígena como escravo dos engenhos, que o Brasil no século XVI pôde firmar-se.

Para isso, muito ajudou o surgimento de uma macro-etnia miscigenada de base luso-tupi. Esta foi gradualmente substitutiva das micro-etnias tribais na colônia, junto à criação de uma comunidade social fronteiriça tanto às tabas indígenas, quanto aos burgos socialmente estratificados das capitânicas, como foram as missões jesuíticas, subordinadas apenas à fé (cf. *De Gestis* v. 1060-1080). O vínculo entre administradores da colônia e jesuítas é bem patente no período anchietano.

A figura central do *De Gestis* é Mem de Sá (1500-1572), o terceiro Governador-geral do Brasil colonial, nomeado em 1558, que sucedeu a Duarte da Costa, tendo ficado no cargo até sua morte em 1572. É o herói que dá título ao poema anchietano,

fidalgo, irmão do poeta Francisco de Sá de Miranda. Exercera o cargo de desembargador de Agravos, chegando ao Brasil tomou posse a 3 de janeiro de 1557, na Bahia (Cf. *De Gestis*, v. 162-220).

A primeira contenda que buscou resolver foi na Capitania do Espírito Santo, território mal povoado por suas condições geográficas e refúgio de nações indígenas até fins do século XVIII. Neste primeiro combate contra os tamoios perde o filho, Fernão de Sá, cuja saga é narrada no Canto I do *De Gestis*, a qual traduzimos mais adiante. Seu governo consistiu na expansão da colonização verticalizada, pelo litoral brasileiro, que começou a se integrar, com a fundação do Rio de Janeiro e a expulsão dos franceses em 1567.

Outras ações de Mem são narradas no *De Gestis*, em seus 3058 versos, divididos em quatro livros por Armando Cardoso. No livro I (versos 1-809), como dissemos, narra-se a chegada de Mem de Sá ao Brasil (1557), a morte de Fernão de Sá e a batalha do Cricaré, seguidas da fundação de vilas. No livro II (versos 810-1731) como homenagem a Mem de Sá, conforme contam cronistas que Anchieta escrevera o livro para consolá-lo da morte do filho Fernão, temos os combates narrados contra o chefe indígena Cururupeba, a fundação das primeiras vilas na Bahia (1559), a conversão dos índios ao cristianismo e o combate à antropofagia, terminando com o combate em Ilhéus.

Já no livro III (versos 1732-2301) narra-se a batalha em Paraguaçu (1559). Enquanto no livro IV (versos 2302-3058), por fim, é narrada a queda do forte de Villegagnon (31 de março de 1560), que teria como consequência futura a expulsão dos franceses do Rio de Janeiro, da baía de Guanabara, após a dissolução da Confederação dos Tamoios.

3.2- A França Antártica

A França Antártica, tema do livro IV do *De Gestis*, foi a colônia francesa fundada no Rio de Janeiro em 1º de novembro de 1555, por Nicolas Durand de Villegagnon (1510-1571), que partiu de La Havre com 600 soldados, colonos huguenotes e alguns católicos, que vieram em dois navios e aportaram na ilha de Serigipe, na Baía de Guanabara. Lá fundaram um forte, chamado Coligny, por causa do almirante Gaspard Coligny, huguenote, partidário da colonização francesa das Américas (LEITE, 2004, v. I, p. 127).

Em seguida, Villegagnon fundou a vila de Henryville, aguardando maior apoio da corte francesa e do rei francês Henri II, como ocorrera com Jacques Cartier no Canadá. A presença francesa no Brasil violava o Tratado de Tordesilhas e a disposição papal da Bula *Inter coetera* de 1493.

Depois de instalados, Villegagnon aceitou colonos calvinistas de Genebra, em 1556, vindos em três navios comandados por Bois-le-Comte, ao mesmo tempo que fazia alianças com Tamoios e Tupinambás contrários a portugueses, estando junto a mais de mil índios e mamelucos mestiços. A vida econômica girava em torno do extrativismo de pau-brasil, coleta de pimenta da terra e tráfico de gêneros exóticos como papagaios.

Em 1560, Mem de Sá com 26 navios de guerra e 2.000 soldados ataca e destrói o Forte Coligny, em três dias de acirrado combate, os franceses fogem com a ajuda dos índios para as terras do continente, este combate é narrado no *De Gestis*. Villegagnon retornara em 1558 para a França, e lá convertera-se ao catolicismo. Em 1565, Estácio de Sá, sobrinho de Mem, funda a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro em 1º de março, e, em janeiro de 1567, consegue expulsar definitivamente os franceses do Rio, morrendo em fevereiro, vítima de uma ferida que recebeu por uma flechada.

Nesses doze anos de França Antártica, embora os franceses calvinistas tentassem por sua vez converter os índios seus aliados, como os tamoios, seu rígido sistema moral, e a própria cisão religiosa interna abafaram todos esforços neste sentido. Na colonização do Brasil quinhentista, qualquer cisão interna seria fatal para o estabelecimento entre os índios (sobre os livros da França Antártica ver *De Gestis*, v. 2882-2916, possuíam obras dos humanistas, *Brentius*, *Melancton* e *Calvino*).

Coibindo os índios por suas festividades, sem a transferência de costumes implementada pelos jesuítas, como com as crianças, os franceses ora enforcavam os índios por seus excessos libidinosos, ora recriminavam seus costumes. Não conseguiram a façanha de resolver a tensão religiosa internamente entre si, que, a partir disso, refletia-se na inconstância de tratamento para com os índios e mestiços. Isso facilitou as negociações de Anchieta e Nóbrega com a Confederação dos Tamoios (LEITE, 2004, v. I, p.128).

A catequese jesuítica, buscando um enraizamento cultural sincrético, volta-se à educação infantil, tendo sido fundada a primeira escola de São Paulo em 1554, que, apesar de ter instalações simples, estava voltada à educação de Humanidades, como o Real Colégio das Artes de Coimbra (SAMPAIO, 1978 p. 258-260). Outra característica da autonomia jesuítica estava no uso do tupi como língua oficial e numa catequese voltada para as celebrações com teatro, dança, canto e procissões, criando uma vida social nas missões de sincretismo cultural. Nas missões e nos colégios, também cultivavam as artes como a literatura, a música e a escultura sacra (Cf. *De Gestis* v. 1273-1292, para as dificuldades dos jesuítas).

Anchieta provavelmente escreveu o *De Gestis* entre 1560-62, tendo o texto sua primeira publicação, modesta e fragmentária, em 1563. Logo, este vem a ser o primeiro livro brasileiro editado no Velho Mundo. Como foi supracitado, para a certificação de

autoria, valemo-nos do grande jesuíta Armando Cardoso, cujo texto estabelecido, somado ao fac-símile da *editio* de 1563, publicado pela Biblioteca Nacional, foram a nossa base textual.



Mapa da França Antártica, na Bahia de Guanabara, os nomes em Tupi e francês mostram-nos os povoadamentos espalhados, a Isle de Villegagnon, na qual está o Forte Coligny, será o principal campo de batalha, no *De Gestis* temos uma descrição dessa ilha entre os versos 2540-2573.



Mapa da batalha de Mem de Sá contra os franceses na Baía de Guanabara, em 1560, de autoria desconhecida, datado de 1567.

4- O MITO DA HESPÉRIA

4.1-Versões clássicas

A Hespéria¹³ é um entre-lugar mítico, é o Ocidente, um lugar utópico, variável na Antiguidade com seu referente. Roma, por excelência, foi a civilização do Ocidente, que se expandiu pela Europa, antes formando seu império baseado na organização persa e egípcia do que na dispersão marítima helênica de cidades-Estado. O mito hespérico das terras do poente é o próprio mito civilizatório de Roma¹⁴. Podemos sintetizar os dois tipos de narrativa que compõem este mito na *aurea aetas* e na *Titanomachia*, a partir da *Eneida* de Virgílio.

Os gregos chamavam a Itália de Hespéria¹⁵, por estar a ocidente da Grécia, já Horácio chamava a Hispânia de *Ultima Hesperia* (Odes, I, 36, 4), enquanto a Itália era a *Hesperia Magna*. Porém, havia outra Hespéria, considerada o verdadeiro final do Orbe, era a morada das Hespérides, as *Fortunatae Insulae*¹⁶, de referencial variável, cujo território ora engloba as ilhas Canárias. Portanto, segundo Virgílio, temos que a fundação de Roma dá-se na Hespéria magna, a Itália, e a expansão imperial alcança a última Hespéria, a Hispânia, o que nos mostra a importância deste extenso mito.

¹³ A etimologia de Hespéria se liga a *hésper*, tarde, poente e *uesper*, o planeta Vênus, estrela que marca o fim do dia. Para os gregos ocidente era a entrada do mundo dos mortos e amaldiçoados, para os romanos o lado *sinister* inicialmente era considerado benéfico, até o período de helenização.

¹⁴ “*Est locus, Hesperiam Graii cognomine dicunt, terra antiqua, potens armis atque ubere glaebae*” Virg., *Eneis*, liber III. (Existe um lugar que os gregos chamam pelo nome de Hespéria, potente em armas e fecunda em campos aráveis). Neste lugar será fundada Roma.

¹⁵ A Magna Hespéria tem outros nomes (HONORATUS, 1898, livro 8, linh.328): “*at Italia plura nomina habuit, dicta est enim Hesperia, Ausonia, Saturnia, Italia.*” (mas a Itália teve vários nomes, foi chamada, com efeito, Hespéria, Ausônia, Satúrnica e Itália).

¹⁶ As *Fortunatae Insulae* ou *Fortunatorum Insulae* (em grego *hai tôn makarôn nêsoi*), ilha dos Bem-aventurados possuiu local indeterminado, desde Homero como os Campos Elísios, perto do rio Oceano, ora era considerada próxima às colunas de Hércules. Quando as ilhas Canárias e a Ilha da Madeira são descobertas passam a ser as *Fortunatae Insulae*, no Renascimento.

As Hespérides das *Fortunatae insulae* são três ou quatro ninfas, citadas por diversos autores, de Hesíodo (*Theog.* 215), como filhas da Noite, a Diodoro Sículo (IV. 27), a Apolônio de Rodes (*Arg.*, IV, 1427) e a Apolodoro (II, 5, 11), que as nomeia *Aeglé*, *Erithea*, e *Arethusa* (respectivamente a Brilhante, a Vermelha e a do Poente, as variações de cor do céu ao anoitecer), somando-se a elas Héstia, o fogo lar. Mas o mitologema mais característico é o que as torna filhas de Atlas, sendo as protetoras das macieiras que dão frutos de ouro, presente de Géia a Hera e Zeus. Estaria junto a elas um titânida, Ladon, cria de Typhon e Echidna, monstro de cem cabeças que nunca dormiria. Note-se a semelhança desse jardim com o Éden bíblico.

O jardim das Hespérides, tema de belíssimos vasos da Antiguidade helênica, torna-se um *tópos* humanista com a sua assimilação à *aurea aetas*, e ao Paraíso terrestre, como veremos. Mas, a relação entre o mito hespérico e a *aurea aetas* na Antiguidade está no mitologema da chegada de Saturno¹⁷ à Magna Hespéria, narrado por Virgílio e Ovídio.

Pois na versão do mito hespérico da *Eneida* e das *Metamorfoses*, que narram a fuga de Saturno para a Hespéria, temos que a chegada do *Titan*-deus ao seu refúgio gera uma idade de ouro na região. Saturno destronado por *Jupiter*, seu filho, após as lutas contra os *titanes*, a *Titanomachia*, encontra seu refúgio na Hespéria. Este é o último elo de ligação do mito hespérico como relato de um processo civilizatório do Ocidente.

Nas *Metamorfoses* de Ovídio, no livro I, temos um relato sobre a *aurea aetas* (v.89-112) e a *Gigantomachia* (v.151-162), estes dois mitologemas estão entrelaçados. Ovídio constrói sua Idade de Ouro por litotes (*uindice nullo*, v.89; *sine lege*, v.90; *poena metusque aberant*, v.91; *nec uerba minantia fixo aere legebantur*, v.91-2; *nec supplex*

¹⁷ Saturno, filho de Urano e Vesta, rei mítico da Itália, tem seu nome ligado ao verbo *serere*, semear. Identificado com Cronos, sua cosmogonia sincretiza-se com a *Titanomachia*. Todavia, seus atributos equivalem mais a Deméter, o que o liga a *aurea aetas*, por causa da agricultura (Varro, *De re rustica*, III.

turba timebat, v. 92; *sine iudice*, v. 93 etc.) e pelo mito da natureza intocada (*tellus inarata* v. 109). Vejamos estes versos (vv. 89-112):

*Aurea prima sata est aetas, quae iudice nullo
sponte sua, sine lege fidem rectumque colebat.
Poena metusque aberant, nec uerba minantia fixo
aere legebantur, nec supplex turba timebat
iudicis ora sui, sed erant sine iudice tuti.
Nondum caesa suis, peregrinum ut uiseret orbem,
montibus in liquidas pinus descenderat undas,
nullaque mortales propter sua litora norant;
nondum praecipites cingebant oppida fossae;
non tuba directi, non aeris cornua flexi,
non galeae, non ensis erat: sine militis usu
mollia securae peragebant otia gentes.
Ipsa quoque immunis rastroque intacta nec ullis
saucia uomeribus per se dabat omnia tellus,
contentique cibus nullo cogente creatis
arbuteos fetus montanaque fraga legebant
cornaque et in duris haerentia mora rubetis
et quae deciderant patula Iouis arbore glandes.
Ver erat aeternum, placidique tepentibus auris
mulcebant zephyri natos sine semine flores;
mox etiam fruges tellus inarata ferebat,
nec renouatus ager grauidis canebat aristis;
flumina iam lactis, iam flumina nectaris ibant,
flauaque de uiridi stillabant ilice mella.
Postquam Saturno tenebrosa in Tartara misso
sub Joue mundus erat, subiit argentea proles,
auro deterior, fuluo pretiosior aere.*

1, 5). Sua esposa era Ops, a riqueza (Varro, *De lingua latina*, v. 57). Saturno chegou à Hespéria durante o reinado de Janus e estabeleceu-se no monte capitolino.

(A primeira era foi gerada áurea, que sem nenhum vingador, por própria vontade, sem lei, honrava a fé e os direitos. O castigo e os medos estavam distantes, nem as palavras ameaçadoras eram registradas em fixo bronze, nem a súplice turba temia as falas de seu juiz, mas estavam seguros sem nenhum protetor. Ainda não descera o pinheiro para as ondas líquidas, caído de seus montes, para que visse o orbe estrangeiro, e os mortais, além de seus litorais nada conheciam, ainda as fossas em precipícios não cingiam fortalezas, nem a tuba de reto bronze, nem a corneta de curvo bronze, nem capacetes, nem a espada existiam: sem o costume de soldado, as gentes perseguiam seguras o agradável ócio. A própria terra também imune de rastro, tanto intacta, quanto ainda não ferida por nenhum arado, por si só oferecia todas as coisas. E os homens contentes com os alimentos criados sem que nada os impelisse, colhiam frutos de medronheiro e morangos das montanhas e os pinhos e amoras que aderem em duras moitas, e os bagos que cortavam da larga árvore de Jove. A primavera era eterna e plácidos zéfiros acariciavam com brisas que se amornavam flores nascidas sem sementes. Sem demora também a terra não-arada dava grãos e o campo não renovado ressoava grávido de espigas. Ora os rio de leite, ora os rios de néctar corriam, e distilavam favos de mel da verdejante azinheira. Depois que Saturno foi mandado ao tenebroso Tártaro, o mundo estava sob o domínio de Jove, sobreveio a geração de prata, mais deteriorada do que a de ouro, mais preciosa do que a de fulvo bronze).

O relato da *aurea aetas*, nas *Metamorfoses* de Ovídio, não está situado em um *locus* específico, faz parte da narrativa do surgimento do *orbis*. Este relato pode ser completado pelo pequeno mitologema da chegada de Saturno ao Lácio-Hespéria narrado por Evandro a Enéias, no livro VIII, que mostra uma *aurea aetas* já no nascedouro de Roma, entre os versos 314-332 da *Eneida* de Virgílio:

*Haec nemora indigenae Fauni Nymphaeque tenebant
gensque uirum truncis et robore nata,
quis neque mos neque cultus erat; nec iungere tauros,
aut componere opes norant, aut parcere parto;
sed rami atque asper uictu uenatus alebat.
Primus ab aetherio uenit Saturnus Olympo
arma Iouis fugiens et regnis exsul ademptis.*

*Is genus indocile ac dispersum montibus altis
composuit, legesque dedit, Latiumque uocari
maluit, his quoniam latuisset tutus in oris.
Aurea quae perhibent, illo sub rege fuere
saecula; sic placida populos in pace regebat
deterior donec paulatim ac decolor aetas
et bella rabies, et amor successit habendi.
Tum manus Ausonia et gentes uenere Sicanae,
saepius et nomen posuit Saturnia tellus;
tum reges, asperque immani corpore Thybris
a quo post Itali fluium cognomine Thibrim
diximus; amisit uerum uetus Albula nomen .*

(Faunos e Ninfas indígenas detinham estes bosques e uma raça de homens nascida de troncos e do duro carvalho, que nem a moral nem a cultura possuíam, não davam os touros aos jugos, nem sabiam acumular riquezas, nem poupar de suas aquisições, mas os ramos e uma rude caça por víveres os alimentava. Saturno veio primeiro do etéreo Olimpo, fugindo das armas de Jove e exilado de seus reinos arrebatados, ele reuniu esta raça indócil e dispersada nos altos montes e deu-lhes leis e mais desejou chamar ali de Lácio, porque teria nestes territórios se escondido. Foram áureos os séculos que ocorreram sob aquele rei, assim, em plácida paz, regia os povos. Até que, pouco a pouco, sucedeu uma idade mais deteriorada e menos brilhante, sucederam tanto a raiva da guerra quanto o amor de possuir. Vieram grupos da Ausônia e os povos da Sicânia, e muitas vezes a terra de Saturno trocou de nome; então vieram os reis, e o áspero Tibre de corpo inumano, do qual chamamos o rio, depois de Ítalo, pelo nome de Tibre, o velho Albula perdeu então seu verdadeiro nome).

Esse ciclo mítico, que se inicia com uma luta contra forças primitivas, entre os titãs antropófagos, liderados por Saturno, e os deuses olímpicos, termina com a derrota de Saturno, que, em sua fuga, gera uma nova Idade de Ouro no Lácio. Depois desta Idade de Ouro é fundada uma civilização. Este mitologema resume a proposta do périplo de Enéias para a fundação mítica de Roma, advinda de uma viagem causada

pela derrota dos troianos em uma guerra e a fuga de Enéias com a transferência dos *Lares* e *Penates* para uma nova cidade, quando chega ao Lácio, à Hespéria, ao Ocidente de Tróia. Logo, o mitologema narrado por Evandro é a síntese do mito hespérico: um exílio com a transferência de uma civilização.

Outra Hespéria relatada na literatura clássica é a Ilha dos Bem-Aventurados, em que Cronos refugia-se destronado, gerando uma idade de Ouro. Fora situada nas ilhas Canárias, durante o Renascimento. Mitologicamente, era a morada das Hespérides, tendo sido, durante a Antiguidade, conhecida por vários povos, através de expedições de fenícios, cartagineses, do rei Juba II da Mauritânia e dos romanos, registradas por diversas fontes. Embora, arqueologicamente, nada tenha ainda sido comprovado de efetivo¹⁸. A relação dessas ilhas com as *Fortunatae Insulae* mitológica está presente em diversos relatos de viagens. Todavia, após a queda do Império romano essas ilhas ficaram desconhecidas até serem redescobertas no século XIV, mas a riqueza natural permanecia como marca sagrada, nos relatos.

Essa ampla cosmogonia sincretizada dará no Renascimento o *tópos* humanista da Ilha dos Amores, forma recorrente ao *locus amoenus* clássico, que encontramos n' *Os Lusíadas*, e em obras de diversos humanistas como Miguel de Cabedo, como no poema *In nuptias Serenissimorum Principum Ioannis et Ioannae* (SILVA, 1985 p.81-90)¹⁹. Portanto, estará presente também em documentos medievais e, indiretamente, na

¹⁸ Blazquez (1996, p.37-40) cita Diodoro (V, 20) sobre uma possível navegação à Ilha Madeira ou às Canárias, confirmada também por um texto falsamente atribuído a Aristóteles, *Perithaumasion akousmata* (84,1), o texto de Diodoro é o seguinte: “*Dicen que en el mar de fuera de las Columnas de Heraklés, los cartagineses descubrieron una isla desierta poblada de toda clase de bosques y cruzada de ríos naueglabes y admirable por todos sus frutos; distaba muchos días de nauegación. Los cartagineses, dada su fertilidad, la uisitaram a menudo y algunos llegaron a establecerse allí. Pero las autoridades cartaginesas prohibieron la nauegación a ellas bajo pena de muerte, matando a sus colonos para que no reuelasen su existencia y uiniese una multitud dispuesta a apoderarse de ella arrebatando a los cartagineses su disfrute*” (BLAZQUEZ, 1996, pg. 38).

¹⁹ Em Camões temos a Hespéria última citada: “Em praticas o mouro diferentes / Se deleitava, perguntando agora / Pelas guerras famosas e excellentes / Co o povo havidas que a Mafona adora, / Agora lhe pergunta pelas gentes / De toda a Hesperia ultima, onde mora, / Agora pelos povos seus vizinhos, / Agora pelos umidos caminhos.” (Lus., II, Estr. 108, v. 825-832 in CAMÕES, 1944, p.81-83). Com o sentido da Ilha dos Bem-aventurados: “Passadas tendo já as Canárias ilhas, / Que tiverão por nome

Carta de Caminha, sobre o Brasil.

Por ser variável o referencial de ocidente com seu ponto de apoio, podemos contabilizar três Hespérias no mito clássico: o ocidente de Tróia, a primeira Hespéria é o Lácio, narrada em Virgílio, ao longo da *Eneida*; em seguida a Hespéria, o ocidente do Lácio, é a Hispânia, narrada nas odes de Horácio; a terceira Hespéria, o ocidente da Hispânia, são as *Fortunatae insulae*, as Ilhas Canárias, narradas por Diodoro, por Apolônio de Rodes, entre outros. Estas ilhas são identificadas também como a civilização Atlântida do Timeu de Platão, confins do mundo helênico. Por fim, o ocidente, a Hespéria, das Ilhas Canárias é o Brasil, narrado no *De Gestis* de Anchieta. Logo, o ciclo mítico de Tróia chega ao Brasil, que se integra na tradição ocidental.

Vejamos esquematicamente como seria esta relação entre as Hespérias e os autores clássicos:

Tabela 1: Referencial por autor de lugares relatados em suas respectivas obras e o ocidente em relação a estes lugares

Autor	Homero	Virgílio	Horácio	Platão	Anchieta
Obra	<i>Ilíada</i>	<i>Eneida</i>	<i>Odes</i>	<i>Timeu</i>	<i>De Gestis</i>
Lugar	Tróia	Lácio	Hispânia	Canárias	Brasil
Ocidente/ Hespéria	Lácio	Hispânia	Canárias	Brasil	

4.2- *Titanomachia* e *Gigantomachia*

A *Titanomachia*, o combate dos deuses antropomórficos contra os Titãs remete-nos a um processo de purificação do mundo antigo. Esta cosmogonia, que se mistura

Fortunadas, / Entramos navegando, polas filhas / Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas. / Terras por onde novas maravilhas / Andarão vendo já nossas armadas; / Ali tomamos porto com bom vento / Por

com os relatos mais arcaicos da criação do mundo helênico, mostra-nos a última harmonização dos elementos do mundo, uma harmonização posterior a dos elementos naturais entre si, uma harmonização da natureza com a civilização. Portanto, é uma etapa diretamente posterior à criação do cosmo, sendo a primeira guerra que traz oposição entre elementos selvagens e civilizados.

Os Titãs são monstros mitológicos, mas dotados de inteligência, e como monstros, antropófagos²⁰, suas características físicas são inarmônicas com a natureza, como os *Gigantes*. Ora são descritos com cinquenta bocas e cem mãos, como o Hecatônquiros, ora descritos como seres de um só olho, como os ciclopes, sempre transformados por excesso ou ausência de características naturais, representam desvios aberrativos da ordem natural. A *Titanomachia* é o combate purificador dos deuses civilizados contra estas forças primitivas naturais.

A saga de Hércules, pós-*Titanomachia*, é o final deste processo purgador, quando os monstros tornam-se resquícios a serem expurgados para a formação civilizatória do cosmo. Muitas fontes sobre este arcaico mito desapareceram, o que resta de mais importante são os versos 644-712 da *Teogonia* de Hesíodo, que narram o momento em que Zeus retira do Tártaro para a luz terrena os antigos *Gigantes*, como Briareu, Cotos e Giges, com quem faz uma aliança para lutarem contra os *Titanes* pelo domínio do Olimpo.

Esse mitologema informa que Gaia por cisão gera Urano, o céu que cobre a *Tellus*. Nasceram deles os Urânidas, ou Titãs, em número de doze, são deuses que reinam sobre a Terra. Dentre estes destacamos: Cronos, Réia, Oceano, Têmis e Mnemósina, os

tomarmos da terra mantimento” (op cit., V, Estr. 8, v.57-64, p. 169-170).

²⁰ Cf. Honoratus, 1898, comentários livro 3, lin.104: “*ut autem fingatur Saturnus filios suos comesse, ratio haec est, quia dicitur deus esse aeternitatis et saeculorum.*” (como, todavia, narra-se que Saturno comera seus filhos, a razão é porque é dito ser o deus da eternidade e dos séculos).

Gigantes eram seus irmãos. Aos deuses primitivos era comum o incesto, o parricídio, o infanticídio e a antropofagia, elementos comuns à descrição do indígena no *De Gestis*.

Urano por horror aos seus filhos com Gaia, como os *Gigantes* e Titãs, encerra-lhes de volta no útero da mãe, o que causa terríveis dores a ela. Por vingança, com uma foice, ela manda Cronos castrar o pai e depois tomar-lhe o poder. Assim ele faz, une-se à Réia. Devido ao medo da sucessão por parricídio, Cronos devora todos seus filhos com Réia, tendo prendido seus irmãos *Gigantes* no Tártaro, até que Zeus, um filho seu que fugiu de ser devorado, revolta-se e luta contra o pai. Os Gigantes e os Hecatônquiros ajudam Zeus no combate contra Cronos e os outros Titãs.

Cronos destronado é trancafiado por Zeus em uma prisão subterrânea. Depois de reconhecer a vitória total de Zeus é enviado para os confins do ocidente, a Hespéria, a Ilha dos Bem-Aventurados, as *Fortunatae insulae*, tornando-se rei, recuperando a idade de ouro anterior, no paraíso para onde seguem os heróis depois de mortos. A cosmogonia latina mostra uma repetição cíclica e sincrética com Saturno (BRANDÃO, 1986, pg. 336-342).

Fiquemos com um trecho da tradução de Guidda Horta, de um momento decisivo do combate narrado por Hesíodo:

Zeus não mais conteve o próprio furor, que encheu sua alma, mas ao contrário revelou toda a sua força. Precipitou-se do alto céu, do cume do Olimpo, relampejando continuamente; e os raios, junto com o trovão e relâmpago, voavam de sua mão robusta, fazendo rodopiar sua chama sagrada sem parar. Em torno, a terra doadora de vida estrondeava, abrasada, e a imensa floresta indescritível estalava ao fogo. A terra inteira estava em ebulição, bem como o curso do Oceano e o mar estéril...” (op. cit., 1996, versos 697-696).

Não menos importante é o curto relato da *Gigantomachia* de Ovídio, no livro I das *Metamorfoses* (v. 151-162):

*Neue foret terris securius arduum aether,
adfectasse ferunt regnum caeleste gigantas
altaque congestos struxisse ad sidera montis.
Tum pater omnipotens misso perfregit Olympum
fulmine et excussit subiecto Pelion Ossae.
Obruta mole sua cum corpore dira iacerent,
perfusam multo natorum sanguine Terram
immaduuisse ferunt calidumque animasse cruorem
et, ne nulla suae stirpis monimenta manerent,
in faciem uertisse hominum; sed et illa propago
contemptrix superum saeuaque audivissima caedis
et uiolenta fuit: scires e sanguine natos*

(Conforme o éter elevado não estivesse mais seguro do que as terras, dizem que os gigantes ambicionaram o reino celeste e empilharam pedregulhos dos montes em direção às estrelas altas. Então o pai onipotente fendeu o Olimpo, lançado um raio, ele agitou com este caído até o monte Pélion de Ossa. Depois que seus corpos caídos jaziam em confusa massa, dizem ter-se encharcado a terra, que se engravidou com o abundante sangue de seus filhos, e ter dado alma a este quente sangue, e, para que permanecesse alguma lembrança de sua estirpe, verteu-os para o aspecto de homens. Mas também foi aquela raça a que desdenha os deuses e a mais ávida da selvagem matança e violenta: qualquer um sabe que são nascidos do sangue).

5 DE GESTIS MENDI DE SAA

5.1- O primeiro momento: a utopia edênica e a *aurea aetas*

A primeira indicação, no *De Gestis*, da utopia edênica do Brasil, como o Paraíso terrestre, está nos versos 141-2, quando nos diz que os índios estão seguindo o *Regnator Erebi*: “*Qui mortem primus in orbem induxit, primus seducens fraude parentes*” (que primeiro conduziu a morte ao mundo, primeiro que seduziu nossos pais pela fraude). Isto é, os índios como homens adâmicos vivem a fase bíblica do paraíso perdido (*Gên.* 3, 23-24), seguindo a serpente que induziu Adão e Eva para fora do paraíso. Isto remete-nos também ao índio adâmico de Caminha: “asy S.or que ajnocencia desta jemte he tal que a dadam ão seria majs quanta em vergonha” (fl. 13, lin. 20-21, in. PEREIRA, 1964, pg. 171).

Notemos que, no poema de Anchieta, o Brasil está na fase do Paraíso perdido, que se mostra, dessa forma, em um ambiente de chuvas, tempestades, combates, próximo a *Titanomachia*, com os relâmpagos de Zeus, como o Dilúvio do *Gênesis* e das *Metamorfoses*, imagens reiterativas que analisaremos em seguida, reincidentes quando o Deus *Tonans* (*De Gestis*, verso 1, ver impreciação de Mem de Sá, v. 2794-99) combate sob a tempestade. Por ora, veremos que a chegada de Cristo ao Brasil marca a *aurea aetas* no poema²¹.

Cristo é o *lumen inocciduum* (v. 120), a luz que não se põe, logo, a luz que vencerá a Hespéria, o poente, o Ocidente. Podemos fazer um paralelo entre a chegada de Cristo ao Brasil (versos 118-118f) e a criação da luz no *Gênesis* (I, 1-7):

Lumine depressi iam humentia sidera mundi

²¹ Cristo é retratado de uma visão humanista por Anchieta: “*Christus habens rerum imperium; quem maxima mundi / Machina formidat quem tellus uasta polusque / Aethereus tremit et tenebrosis Tartarus*

*Splendidiore micant, clarumque per aethera currum
Phoebus agit, radiisque nouis fugat humida caeli
Nubila dispergit nebulas, multoque madescens
Imbre solum siccat, splendentique axe coruscus
Clara tenebroso diffundit lumina mundo.*

(Já os astros úmidos do mundo deprimido brilham com luz mais esplêndida, e Febo faz avançar o carro ilustre através do éter, e com novos raios põe em fuga a úmida neblina do céu, e dispersa os nimbos, seca o solo da grossa chuva, e fulgurante, pelo firmamento resplandecente, difunde as claras luzes do tenebroso mundo).

Mas, para a permanência dessa *aurea aetas*, será necessário seguir os dogmas cristãos: “*Aureaque australi succedent saecula mundo, / Cum tua Brasilles seruabunt dogmata gentes*” (E sucederão séculos de ouro no mundo, quando os brasileiros conservarem seus dogmas) (*De Gestis* v. 3053-54). O mesmo entre os versos 1015-1019: “*Et tenebris Erebi tetrique (barbara tellus) erepta barathri, / Accipere aetheream lucem diuinaque Solis / Lumina innocidui, sanctasque ediscere leges / Atque fidem amplecti, Dominique salubria Christi / Dogmata!*” (E, arrancada a terra bárbara das trevas do Érebro e do terrível Bátratro, a receber a luz etérea e os divinos raios do Sol que não se põe, e a compreender as santas leis, e a abraçar a Fé, e os salubres dogmas de Nosso Senhor Cristo).

Nesse ambiente, quanto aos combates, temos o *tópos* épico da bela morte de Fernão de Sá, no livro I, somente possível dentro da cosmogonia hespérica dos campos elíseos: “*O felix puer, hostili prostratus arena, / Pulchra morte iaces inter tela, inter et hostes, / Saeua prius forti deuastans agmina dextra!*” (Ó feliz menino, prostrado na hostil areia, jazes entre as lanças, por uma bela morte, e entre os hostis, tendo antes devastado as selvagens multidões pela forte destra!) (versos 660-662). Também Deus,

umbris.” (Cristo que tem o império das coisas; que a Máquina máxima do mundo atemoriza, que a terra

como luz da aurora, pode tanto trazer a morte, como ressuscitar, tirar o homem do rio Estígio: “*Dei...- Qui solus obumbrat / Inducta latas noctis caligine terras, / Et rursum Eoo collustrat lumine mundum; / Mortificat solus, Stygios deducit ad undas, / Viuificat iterum, Stygiisque reducit ab undis*” (Deus, que sozinho obscurece as vastas terras, conduzidas as trevas da noite, e, logo, ilumina o mundo com a luz da Aurora; só ele mortifica, sobre-conduz às ondas do Estígio, dá a vida mais uma vez, e reconduz das ondas estígias) (v. 1992-1996).

Cristo não é apenas luz, mas é a fonte mais fecunda: “*...tu, fons uberrimus, almae / Ciuibus unde urbis pleno fluit amne uoluptas, / Fecunda largo pectus mihi rore, tuisque / Funde salutare uiuis de fontibus unda*” (Tu, fecundíssima fonte, donde flui em plena torrente o prazer aos cidadãos da cidade nutriz, fecunda com largo orvalho o meu peito, difunde as salutares ondas das vivas fontes) (v. 122-125). Dessa forma, a narrativa de Anchieta inscreve-se, com uso de superlativos para as descrições da presença Cristo no Brasil, no relato do paraíso *terreal*, o que se corrobora com a maior sequência do poema relacionado à *aurea aetas*, a narração das missões jesuíticas, no *De Gestis*, sequência esta que também pode fazer oposição à adjetivação de Caminha para descrever a natureza brasileira de forma superlativa.

Entre os versos 1296a-1371, é narrada essa idéia de natureza superlativa, em um momento no qual Anchieta descreve os primeiros trabalhos das missões jesuíticas. Estes versos igualam-se ao *tópos* da *aurea aetas* das *Fortunatae insulae*, interrompendo-se para voltar a narrar outros combates contra os índios. Mais adiante, veremos estes versos.

Podemos notar que o poema segue ciclicamente, viajando pelas capitâneas litorâneas do Brasil, em um eixo de combate contra índios antropófagos, conversão e chegada de Cristo, nascimento das missões jesuíticas, daí a busca por outros índios. Até

vasta e o pólo etéreo faz tremer e o Tártaro com suas tenebrosas sombras) (v. 2943-2945).

a conversão indígena todos os lugares são narrados como chuvosos e tempestuosos.

Este ciclo de fundação de vilas assemelha-se ao mitologema da chegada de Saturno à Hespéria, cujo enredo é a luta contra a antropofagia titânica em um ambiente tempestuoso seguido de uma Idade de Ouro. No *De Gestis*, a antropofagia indígena equivale à titânica, as lutas desenvolvem-se entre tempestades e a Idade de Ouro é a catequese.

Já no *De Beata Virgine Dei Matre Maria*, a outra grande obra latina anchietana, com 5788 versos, temos outra imagem reiterativa de Cristo como *lumen inoccidum*. O *De Beata* é um excelente compêndio do material catequético jesuítico utilizado no século XVI. Através desta obra de Anchieta, podemos saber qual era o conteúdo da tradição cristã utilizado para a conversão do gentio. Entre os versos 2445-2456, temos a narração, no *De Beata*, da noite em que nasceu Cristo, do momento exato em que o *Lumen inoccidum* vem ao mundo. Note-se a complementaridade destes versos com o que já foi dito sobre Cristo no *De Gestis*: “*O nox, o cunctis speciosior una diebus! / O nox, natalis pulchra decori noui! // O nox, quae uerae radiant clarissima lucis / Lumina, Phoebis splendidiora rotis! // O nox, caligo qua pellitur atra, susque / Redditur immenso rebus in orbe color, // Qua Deus egreditur puerili carne uolutus, / Quem menses clausit Virginis arca nouem!*” (Ó noite, ó noite única, mais formosa do que todos os dias! Ó noite, bela para ornamento de um novo nascimento! Ó noite, que mais esplêndida do que o carro de Febo, as claríssimas luzes da verdadeira luz iluminam! Ó noite, na qual a sombria treva é repelida, a cor de baixo para cima é guiada no imenso orbe através das coisas, da qual Deus sai volvido em corpo de menino, ele que por nove meses o ventre da Virgem encobriu).

No *De Gestis*, temos, então, que somente na missão jesuítica há a realização da *aurea aetas*, como supracitado, vejamos o seguinte trecho:

*Incipit adspirare polo iucunda uoluptas
Defessos leni mulcens spiramine sensus,
Oblectans animos dulcedine, pressa dolore
Corda leuans, placidoque quies illabitur anno,
Pectora continuis pressosque laboribus artus
Agricolis recreans, fundens noua gaudia menti
Spemque nouam, multo ne uicta labore fatiscat.
Producunt pulchros iam nunc Brasillica flores
Arua, nec arenti mandantur semina arenae,
Sed fructus fecunda suos dat terra, labore
Culta iugi, quam latifluis rigat imbribus unda,
Diuinoque fouet caelestis Flama calore.
Aspera cessit hiems, gelidae cessere pruinae
Solis ad ardorem, stricto nec dura rigescunt
Corda gelu; foedis purgantur sordida culpīs
Pectora, et ardescunt animi; quaeque ante fuerunt
Frigida, iam feruent diuino uiscera amore.
Sic, ubi nimbosae cesserunt frigora brumae,
Tranquillo incipiunt placidissima murmure terrae
Flamina, solque igni faciem recreare tepenti;
Fundit opes fecundas suas, gremioque uirenti
Iam renouata nitet totis pulcherrima campis,
Producitque hilari uiridantia gramina uultu:
Tum laetae segetes tum formosissimus annus;
Tum suus arboribus nitidissimus undique siluas
Flos redit innectens: tum frondea tecta uirescunt,
Et uolucris dulces effundit garrula cantus:
Tum parit et uitis teneros uberrima foetus
Laeta suas pandens frondes, tum brachia repens
Explicat, et fuso iam pullulat undique crine
Palmitibus fecunda nouis: tum pendulus exit
Clauiculus matris de cortice; pinguia crescunt
Et folia, et laetis oneratus pampinus uuis.
Iam nox atra fugit; (versos 1296a.-1319).*

(Cf. segundo a tradução do Padre Armando Cardoso: Começa a soprar do céu um prazer todo novo que afaga qual brisa suave os membros cansados, penetra docemente as almas e aos corações doloridos soergue: então o descanso alastra pela quadra tranquila, refaz aos lavradores peitos e braços caídos da faina incessante, e à mente infunde nova alegria, e esperanças novas, não a prostre vencida pelo trabalho. Já agora os campos do Brasil se cobrem de flores formosas, nem mais se confiam ao areal as sementes, mas a terra vencida pelo trabalho do arado, regada por chuvas generosas, aquecida por raios do Sol divino, em profusão dá-lhe seus frutos. Fugiu o áspero inverno, fugiram as frias geadas aos ardores do sol, e os peitos de pedra em seu gelo já se não obstinam: almas de feias culpas manchadas limpam-se e inflamam-se. Friezas de outrora são chamadas de amor de Deus. Tal qual o inverno se afasta embuçado em seu manto de brumas, quando começa na terra a soprar com seu murmúrio amigo a bruma mimosa, e o sol com seu brando calor a superfície lhe afaga: então, madre fecunda, ela se abre em tesouro e os campos, seu regaço verde, são todos renovação, e beleza, e a alegria do rosto se expande em prados ridentes. Então riem as searas, engalana-se a quadra formosa, flores voltam a pintar os ramos que em florestas se abraçam, copas são tetos de verdura, a ave desafoga em trinados a garrulice. Então a vide, farta de seiva, rebenta em tenros frutos e frondes, contente, e estende rasteiros os braços, e por toda parte a cabeleira dos ramos, fértil de tufos novos; então com seus anéis a gavinha sai da cepa materna; folhas seivosas se espalmam e em breve o pâmpano está vergando ao peso dos cachos. Já a noite negra foge...)

Por fim, para fecharmos a última referência à *aurea aetas* do mito hespérico, no poema anchietano, devemos lembrar a formação dos *Regna Brasillia*, fazendo uma referência à etimologia do nome Brasil. Este é o mais importante neologismo novilatino empregado no poema, e sua correlação com a cosmogonia da Ilha Brasil será o suficiente para integrarmos esta concepção mítica à da Hespéria. Para isso, cabe lembrar que, no período medieval, as Ilhas Canárias ficaram esquecidas, mas o mito das *Fortunatae insulae* ainda subsistia.

Essa tradição, que se manteve no relato medieval da *Nauigatio* de São Brandão,

à ilha *Deliciosa*, o Paraíso terrestre, está intimamente ligada ao surgimento do nome Brasil. A Ilha Brasil, registrada em mapas desde o século XIV, como o de Dalorto (1325), Dulcert (1339), no *Portulano Mediceo Laurenziano* de 1351, entre inúmeros outras cartas cartográficas, como as de Pizzigani (1367) e no Atlas *Walckenaer-Pinelli* (1384), está sempre relacionada com o Paraíso terrestre, e a melhor tradução para o irlandês *Hy Bressail* e *O`Brazil*, a ilha imaginária a Ocidente da Irlanda, seria ilha afortunada. O nome Brasil significa, neste contexto, então, Hespéria (HOLLANDA, 2000, pg. 209)²².

5.2- O segundo momento: a luta contra a antropofagia titânica

O segundo momento do mito hespérico, a *titanomachia*, no *De Gestis*, é a sequência de combates contra os índios antropófagos, sujeitos ao domínio do *Regnator Erebi*. Sempre estes combates são narrados sob tempestades, como Hesíodo descreveu o combate entre deuses olímpicos e Titãs na *Teogonia*.

São quatro grandes combates ao longo da epopéia: o primeiro no Espírito Santo entre Fernão de Sá, filho de Mem, contra Tamoios (v. 371 e seguintes), o segundo, em Ilhéus, contra índios rebelados, narrado a partir do verso 1525, o terceiro, em Paraguaçu, contra índios antropófagos, (v. 1732 em diante) e, por fim, no Rio de Janeiro, a luta contra os franceses (v. 2574 e seguintes).

Esses combates, narrados no grandiloquente estilo épico, são descritos como chacinas e morticínios que lembram as cruzadas. Mas, é difícil posicionar-se quanto ao

²² Capistrano de Abreu (1900, p. 48-49) retira do livro de cartografia *Die Entdeckung Amerikas in ihr Bedeutung für die Geschichte des Weltbides*, de Konrad Kretschmer algumas variantes do nome Brasil. A Ufrj possui um exemplar de 1892 do livro de Kretschmer, e constam entre as páginas 214-221 estas variantes, registradas em diversos mapas: *Brazi, Bracir, Brasil, Brasill, Brazil, Brazile, Brazille, Brazill, Bracil, Braçil, Braçill, Bersill, Braxil, Braxili, Braxill, Braxylli e Bresilge*. As Ilhas Brasil são descritas como um arquipélago com uma ilha central circular cortada por um rio ao meio. Por algum tempo os

valor de verdade destas matanças de índios. Darcy Ribeiro (2002, pg. 50) considera esta narrativa de combates contra índios propagandística de um genocídio étnico, baseando-se na tradução de Cardoso. Todavia, vejamos a palavra do próprio tradutor a respeito:

“Ainda neste ponto não nos deixemos iludir pelo estilo épico da imitação virgiliana e ainda juvenil de Anchieta, principalmente a respeito da mortandade de indígenas nesses combates. Quando o poeta não desce a pormenores concretos, mas fica em generalidades de acervo de mortos, de golpes tremendos, borbotões de sangue etc., vejamos nisso apenas quadros estilísticos da Renascença, com tintas ainda fortes dos romances de cavalaria medievais.

Exemplo típico é o da guerra dos Ilhéus (vv. 1479-86), em que os inimigos foram tomados de surpresa, e a descrição do ataque daria a entender um morticínio enorme. a expressão de Mem de Sá, "matei todos que quiseram resistir", reduz-se no testemunho de Nóbrega a ‘três ou quatro, porque os mais fugiram’. Sempre a tática do Governador e de seu Conselheiro foi alcançar a sujeição por temor de castigo e não por mortes, mesmo na repressão de crimes, que ao máximo se puniam com a prisão ou o cativeiro, raramente acima disso” (ANCHIETA, 1970, pg. 44)

Todavia, o genocídio indígena ocorria por uma ação mais devastadora e drástica, uma guerra biótica, silenciosa, em que milhares de índios morriam de uma só vez. Era a ação da tuberculose, da varíola, atacando e dizimando tribos, aldeias e missões indígenas inteiras, depauperando a população indene e favorecendo sua substituição pelo mestiço já imunizado. Os próprios jesuítas infectavam os índios, e o contato civilizatório era fatal. Mais que os combates, este foi o fator genocida mais significativo.

Todavia, cenas de massacre indígena como as dos versos 1952-1973 são de um realismo chocante: “... *natum diro dedit impia leto/ Dextra patris, fletu se sub nemora*

colonizadores acreditavam que a Bacia Amazônica e a Bacia do Prata encontravam-se formando do Brasil uma ilha circular perfeita.

alta sequentem / Ne se ploratu uenienti proderet hosti” (a ímpia destra do pai deu seu filho, que o seguia, à maldita ferida letal, para que não alertasse ao inimigo que chegava, sob a mata cerrada, por seu choro lamentado) (v. 1961-3).

Outra explicação para a visão heróica dos combates contra indígenas está na recepção do poema esperada por Anchieta, pois escrito primeiramente para a leitura de Mem de Sá, que perdera há pouco o filho, seria normal consolar o pai com uma descrição heróica dos combates em que perdera Fernão de Sá.

As duas características, por fim, que reinscrevem a descrição do Brasil do *De Gestis* na *Titanomachia* são a luta contra a antropofagia e o combate entre tempestades. Os índios são descritos assim:

*Obtenebrata diu barathri caligine caeci,
Gens fuit australis, saeuui subiecta tyranni
Colla iugo, cassum diuini luminis aeuum
Traducens, multisque malis immersa; superba,
Effrenis, crudelis, atrox, fusoque cruenta
Sanguine: docta necem rapidis inferre sagittis;
Immanesque tigres feritate luposque uoraces
Et rabidos superare canes saueosque leones,
Humanis auidam pascebat carnibus aluum.
Multa diu scelera intentans, immanibus atri
Regnatorem Erebi, (qui mortem primus in orbem
Induxit, primus seducens fraude parentes)
Sponte sequens factis, multorum corpora saeuo
Discerpens leto, crudeli superba furore
Christicolas multo populabat funere gentes;* (v. 131-145).

(Quando por muito tempo foi obscurecida a treva do cego báratro,
Viveu a gente do Sul, sujeita quanto a seus pescoços ao jugo do tirano selvagem,
atravessando a existência vazia da luz divina, e imersa em muitos males, soberba,
Desenfreada, cruel, atroz e sangrenta pelo sangue derramado: dotada em inferir a morte
com rápidas flechas. Esta gente supera até terríveis tigres pela ferocidade, até lobos
Vorazes, até cães raivosos e selvagens leões, pois engordava o ventre ávido com carnes
humanas. Há tempos estavam intentando muitas abominações, seguindo o governante

sombrio do Érebo por sua vontade, com feitos terríveis (aquele que foi primeiro a trazer a morte ao mundo, primeiro que seduziu nossos pais pela fraude). A gente do Sul que desmembrava os corpos de muitos com selvagem morte, soberba depauperava as gentes cristãs pelo cruel furor com muitos funerais).

Em outro ponto: “(*Tamuya ferox*)... / *Abducensque homines, it praeda uictor abacta, / Captiuoque auidos impinguat sanguine uentres.*” (O fero Tamoio, que move hórridas guerras (o hostil selvagem tem este nome de seus avós), causa inúmeros danos por toda parte, devastando os campos e as plantações fecundas com frutos; e raptando os homens, o vencedor vai, abatida a presa, daí engorda os ventres ávidos com o sangue cativo.) (v. 209-210). Entretanto, certos costumes indígenas como a pintura de guerra são descritos com apuro humanista: “... *hi nigro corpora sulco / Pingentes totos diuersis nexibus artus, / Et picto ueras imitantes corpore uestes; / Ut quas artificis pulchra solet arte Mineruae / Pingere acu tunicas solertis dextera, uel quae / Retia multiplici textit subtilia filo.*” (outros os corpos com negro sulco, pintando todas as articulações em diversos entrelaçamentos, que até imitam pelo corpo pintado verdadeiras vestes, como As túnicas que o artífice costuma bordar pela bela arte da solerte Minerva com a habilidosa agulha, ou as redes que tece, delgadas com múltiplos fios.) (v. 328-333).

Em seguida, temos que a segunda descrição referente à *Titanomachia* dá-nos o Brasil como uma região austral, sul, que é sempre considerada um lugar chuvoso, quando não convertido ao cristianismo:

“*Magna quibus nuper tua mittere lumina uirtus
Inter barberiem coepit Brasillibus oris,
Quas madidat pluuius furiosus imbribus Auster;
Auster agens nimbos saeuasque per alta procellas
Aequora, et obscuro nebularum tegmine campos
Obducens, nudas contristat frigore gentes.*” (v. 113-118).

(Há pouco tua virtude começou a emitir as maiores luzes entre a barbárie aos territórios

brasileiros, que o chuvoso Austro encharca com furiosas tempestades; o Austro, que impele nuvens e selvagens procelas através do alto-mar, e que cobre com um teto de névoas os campos, entristece as gentes nuas com o frio).

Segue a descrição das capitânicas, todas sempre afligidas por tempestades, ou inacessíveis, como o Rio de Janeiro: “... (*assiduis ubi turbidus imbribus Auster / Verberat et terras et saevi immania ponti / Aequora, quo ferme emenso sol peruenit anno, / Signa refulgenti lustrans caelestia curru*)” (onde com assíduas chuvas o Austro turbulento reverbera, tanto sobre as terras quanto sobre as terríveis águas do selvagem mar, para onde, quase passado o ano, o sol completa um ciclo, iluminando os signos celestes com seu carro refulgente) (v.2301-2304). O mesmo, sobre tempestades, nos versos 2301-2308.

Monstros como os *Gigantes*, que ajudam Zeus na *Titanomachia*, surgem no *De Gestis* de duas formas, a primeira é como um monstro que personifica o medo dos franceses, nos versos 2086-2827. Também as armas de pólvora e os canhões são descritos como verdadeiros monstros titânicos, que arrotam e vomitam fogo, como nos versos 2643-2653, por exemplo:

*Stat prope in exstructo (qua sol micat aureus ortu)
Aggere bombardae, ex fuluo fabricata metallo,
Ferratis innixa rotis, quae grandia uasto
Saxa uomens ore et conflata uolumina, puppes
Icitibus infestat crebris impune, latusque
Rumpit utrumque, forat malos, tabulasque fragore
Comminuit diro; nunc hanc, nunc percutit illam
Dilaniatque hominum leto furiosa cruento
Corpora multa simul: fuso tabulata redundant
Sanguine; non ultra possunt consistere naues,
Laxatisque petunt laceratae funibus aequor.*

(Tradução do Padre Cardoso: Para o lado do áureo levante, estava postada junto de um baluarte uma bombardae de metal amarelo sobre rodas de ferro. De boca enorme, o monstro arrotava penhascos e balas de metal, molestando à vontade com tiros contínuos as naus: fere as popas e arromba um e outro flanco, estilhaça mastros e pranchas com fragor espantoso. Ora aponta a esta, ora àquela, e espedaça com um só tiro mortífero os corpos de muitos soldados. Os conveses se inundam de sangue. Já não mais podem as naus continuar fundeadas. Livres das amarras fazem-se ao mar avariadas).

Contudo, o ponto alto de confluência desses fatores é a morte do Bispo Sardinha, pois a luta civilizatória motivada pela antropofagia é criada por esta cena do poema, em um ambiente tempestuoso com uma reinscrição perfeita da *Titanomachia*. A narrativa vai do verso 2116 ao 2300. Analisemos, pois, os momentos mais importantes desta cena que é o centro da epopéia. Entre os versos 2116-2127, narra-se a preparação da viagem do Bispo saindo da cidade de Salvador, rumo à Espanha. No verso 2128, começa uma tempestade: “*Cum subito audiri toto currentia caelo / Murmura: turbatae metuenda tonitrua nubes / Succutiunt*” (quando subitamente são ouvidos murmúrios que correm por todo o céu, turbadas nuvens fazem despencar trovões que se devem temer).

A tempestade os leva até às terras indígenas (v. 2152), onde os índios bebem vinhos e acendem fogueiras, em um banquete antropofágico: “... *tectis pendentque sub atris / Humanae assatae Vulcani ad lumina carnes, / Et nudata suis caluaria crinibus ipso /Portarum ingressu, spoliataque carnibus ossa*” (e pendem sob tetos sombrios carnes humanas assadas ao fogo de Vulcano, e crânios desnudados de seu cabelo, nesta mesma entrada das portas, e ossos espoliados das carnes) (v. 2160-3). O Bispo faz uma prece (v. 2167-2181), mas o barco naufraga na costa (v. 2185-7), enquanto os marinheiros nadam para o litoral. Desta vez, ocorre um verdadeiro genocídio dos colonos pelos índios, sem sobreviventes, como é narrado.

De início, os índios recebem os colonos com falsa hospitalidade: “... *falsae gens impia fingens / Foedera amicitiae...*” (gente ímpia que finge os vínculos da falsa amizade) (v. 2195-6). Os índios, em seguida, alimentam os portugueses, preparando-os para um banquete antropofágico. Repentinamente, os marinheiros percebem e correm em fuga: “*Iam barbarus instat / Hostis, et aequoreas fremitu ferit horridus undas / Insultantes miseris*” (Já o bárbaro inimigo se aproxima, e hórrido fere as ondas

espumosas com frêmito, insultando aos míseros) (v. 2214-6). Com flechadas, os índios matam dezenas de colonos. Encontram o Bispo na praia, matam-no com um golpe de machado, depois o devoram. A cena termina com uma nênia aos mortos (v. 2259-2295).

6- TRADUÇÃO: A SAGA DE FERNÃO DE SÁ

LIVRO 1 (excertos)

(Versos: 109-472)

As virtudes do sumo Pai e os feitos divinos,
E o teu nome, ó Cristo Rei, teus feitos, tanto a honra 110
Quanto as glórias começarei a cantar; teus máximos feitos,
Empreenderei a relembrar em verso, por esforço ingente e ousado.
Há pouco tua virtude começou a emitir as maiores luzes,
Entre a barbárie, nestes territórios brasileiros,
Onde o chuvoso Austro encharca com furiosas tempestades;
O Austro, que impele nuvens e selvagens procelas através
Do alto-mar, e que cobre com um teto de névoas
Os campos, entristece as gentes nuas com o frio.
Já os astros úmidos do mundo deprimido brilham
Com a luz mais esplêndida, e Febo faz avançar pelo éter 120
O ilustre carro, e põe em fuga a úmida neblina do céu
Com novos raios, dispersa os nimbos e seca o solo
De grossa chuva, fulgurante, e difunde as claras luzes
Do tenebroso mundo, pelo firmamento resplandecente.
Tu, para mim, tu, ó luz clara do céu sereno,
Luz que não se põe, imagem do esplendor do pai
Clarifica a cega mente, ó Jesus: tu, ilumina meus olhos
Com claros raios, Tu, fecundíssima fonte, donde

Flui em plena torrente o prazer aos cidadãos da cidade nutriz,
Fecunda com largo orvalho o meu peito 130
Difunde as salutares ondas das vivas fontes;
E irriga a mente sedenta com o rio divino,
Para que eu possa lembrar os milagres de tua destra
Que operou máximos, somente pelo amor da gente do Brasil,
Quando resplandeceram as luzes claras orientais
Do puro Olimpo, dissipadas as trevas do Tártaro.

Quando por muito tempo foi obscurecida a treva do cego báratro,
Viveu a gente do Sul, sujeita quanto a seus pescoços
Ao jugo do tirano selvagem, atravessando a existência vazia
Da luz divina, e imersa em muitos males, soberba, 140
Desenfreada, cruel, atroz e sangrenta pelo sangue
Derramado: dotada em inferir a morte com rápidas flechas.
Esta gente supera até terríveis tigres pela ferocidade, até lobos
Vorazes, até cães raivosos e selvagens leões, pois
Engordava o ventre ávido com carnes humanas.
Há tempos estavam intentando muitas abominações, seguindo
O governante sombrio do Érebo por sua vontade, com feitos terríveis
(Aquele que foi primeiro a trazer a morte ao mundo,
Primeiro que seduziu nossos pais pela fraude). A gente do Sul
Que desmembrava os corpos de muitos com selvagem morte, 150
Soberba depauperava as gentes cristãs pelo cruel furor
Com muitos funerais, até que o Pai onipotente, observando
Das regiões etéreas os territórios brasileiros, locais sepultos

Pela noite horrífica, terras que suam por sangue humano,
Mandou das regiões Norte um vingador deste crime,
Um vingador do crime nefando, para que expulsasse as iras
Cruéis da terra, para que reprimisse as malditas mortes,
Perpetradas por modos sangrentos, fazendo cessar as hórridas
Guerras, amansando ânimos ferozes, e que não deixasse
Não vingado comerem o sangue humano com suas goelas raivosas. 160

E já trezentos e doze lustros o tempo revolvia
Ao mundo, depois que o Criador do grande Olimpo,
Saindo do ventre da Virgem genitriz intacta, formado
Homem, tinha fornecido as luzes mais claras
Ao mundo todo, antes sepulto na noite do pecado.
Há muito, quando a esperada esquadra aportou, arrastada dos perigos do mar
À Baía, à qual deram o nome de Todos os Santos. Ela conduzia
Retirado das ondas de Tétis um ingente herói, o magnânimo
Herói Mem, que porta o nobre sangue de seus avós, e a quem
De ascendência ilustre, por longa origem, dá-se o ilustre sobrenome Sá. 170
A quem, avançado em anos, uma imponente barba grisalha
O queixo decora, que, no vulto, vasta majestade possui e
A face alegre ornada pela gravidade da velhice e
Olhos ligeiros, também a virtude máxima do corpo
E as forças vigorosas com rubor juvenil. Por outro lado,
Possui um ânimo de longe excelente, que tanto as artes da sábia
Minerva, quanto o vasto entendimento das coisas
E a longa experiência aperfeiçoam; e, nas íntimas entranhas,

A piedade a Deus fixada, e a insigne fé do santo amor
A Cristo jamais perturbada, e fervente sob o imo do peito, 180
Incendiado pela chama celestial, junto ao zelo de arrancar
As mentes brasileiras do cárcere do Estige.

Ó quão feliz foi o dia, no qual te viu o Brasil,
Ó Mem! Quanta salvação darás tu mesmo às populações
Aflitas! O hostil feroz será posto em fuga com quão grande terror,
Enquanto tu o combates, aquele que contra os cristãos muitas coisas
Não só ameaça, mas também irrompe, ao mesmo tempo que o furor
Selvagem o extasia! Mas para ti a primeira luta dará lágrimas e graves
Sofrimentos, quando teu filho amado cair atravessado
Por muitas feridas e rubro tingir as areias com seu belo 190
Sangue, e expirar sua vida para os tênues ares.

Tu, porém, prefere a honra do Criador eterno
Ante teus olhos, nem cede às más coisas, nem cede à dor:
A morte gerar-lhe-á uma vida eterna sobre os éteres, vida
A qual ele levará inflamado, em seu belo peito, pelo amor da religião
Verdadeira, e o colocará no Olimpo superior.

Ainda nem as proas cor de bronze tinham atingido os litorais,
Após vários tormentos e muitos trabalhos ao mar,
Abandonando o território dos etíopes, enquanto o céu
Queimava a praia abrasada, - para onde tinha impulsionado 200
O ímpeto do mar selvagem e o céu adverso, enquanto os ventos
Agitavam o mar -, já as hórridas guerras esperavam o
Governador-geral, junto a misérias graves, causa de dores ferozes.

Longe, a terra fecunda é cultivada por poucos colonos,
À qual cingem, por todos os lados, montes e litorais pedregosos
Por onde o úmido Austro enfurece-se, frouxas suas
Amarras, violento com águas turvas, envolvendo todo o céu
E o estreito com nuvens e assoprando as terras em turbilhão:
O Espírito Santo designa esta terra com seu nome sagrado,
Cultivada pelos povoados de portugueses, contra os quais 210
O fero Tamoio, que move hórridas guerras (o hostil selvagem tem
Este nome de seus avós), causa inúmeros danos por toda parte,
Devastando os campos e as plantações fecundas com frutos;
E raptando os homens, o vencedor vai, abatida a presa,
Daí engorda os ventres ávidos com o sangue cativo.
E já todos os hostis discorriam de várias partes e se aglomeravam
Em turba selvagem, para devastar todo o povoado
Dos cristãos; a ira enfurece-se no fundo de suas entranhas
Junto ao violento amor à guerra, e à paixão
Da carne humana; seus corações incham-se com insano 220
Furor, e, se a destra de Deus não obstruísse às crueldades
Começadas, trazendo auxílio celeste, e não dispersasse a gente
Soberba, ardente pelas fúrias das guerras e ávida
Por sangue, já logo todas as coisas se corromperiam
Pelo selvagem Marte, e os hostis ensopariam a terra com o sangue dos pios.

Logo, depois que percorreu Netuno e apossou-se do porto,
O magnânimo líder descobre que ferozes guerras são preparadas
Contra os cristãos, e que insurgem as selvagens gentes,

Aqui e ali, certas de nunca desistir de seus ânimos,
Até que tanto destruam, quanto devorem todos pela carnificina 230
Sangrenta. De imediato, Mem de Sá busca com a mente o Pai
Dos céus (isto era de máximo cuidado) e com silencioso coração
Conversando consigo todas estas coisas, implora ajuda aos sitiados,
Ajuda que vem multiplicada do céu, quando a clemência onipotente
Se apresenta fácil às coisas humanas, vencida pela prece dos seus.

Então, ele escolhe de toda a armada dois navios birremes idênticos
E ordena serem armados; e mandando o caro filho Fernão
Para os combates, formoso pela primavera flor da idade, um singular
Jovem por seu ânimo, instruído em sua mente pelos
Costumes do pai, com advertências precaveu-o e começa a falar: 240

“Aprende, ó menino, a buscar desde seus primeiros anos a virtude
E a dignidade exímia pelo trabalho, não o amor da glória
Humana (com efeito, quanto a isto, o amor da honra terrena tange
O teu peito?), mas aprenda a buscar o nome divino
Assinalado no teu peito lembrado quanto a seus feitos, e, tu, incitado
Pelo calor da fé, aprende a buscar ousadamente todas as coisas que
Ameacem começar guerras e trabalhos, e aprenda a opor-se à selvagem peste.

Vejas como as cruéis gentes em inúmera multidão
Ameaçam com truculentas lutas e de morte indigna
O povoado de cristãos, e a toda pressa ameaçam suas cabeças, 250
Não diferente a tigres selvagens que vão desmembrar corpos,
E que vão engolir o pio sangue com a goela sedenta.
Qual esperança aos oprimidos, ou qual confiança resta?

Donde reclamariam auxílio para si? Com que forças combateriam
Contra o inimigo terrível? Com qual força poderiam poucos
Conter inúmeras tribos, em seus abrigos?
Se a vida há de se buscar em fuga, embora isto também
Seja torpe, e devam ser as casas abandonadas e os campos
Fecundos, aos hostis, o alto-mar fecha a via, e barcos
Faltam, com os quais vençam a salgada costa de água turbulenta, 260
E com que os míseros defendam as almas, arrebatadas suas coisas.
Por isso, age, rompe as demoras, segue as rápidas virações do mar,
E de novo ataca as ondas com a polpa armada,
E depressa oferta auxílio aos varões, se podes fazer isso.
Quaisquer circunstâncias que te apresentem, quaisquer trabalhos,
Lembra de tolerá-los e de se superar com ânimo constante.
Se a destra do Tonante conservar-te incólume
E conceder os sinais vitoriosos, submisso o inimigo,
Aos olhos de teu pai, tiver devolvido o ilustre troféu,
Este dia para nós será o mais feliz, tanto solveremos 270
Votos a Deus elevado, quanto dignas honrarias;
Assim, parta guerreando, pelo amor da glória divina, isto
Será uma doce glória, que te mantém célebre, ó filho.
Mas caso te reste um fim derradeiro em teus jovens anos,
Caso tanto devam as feridas mortais arrancar a juventude a florada em ti,
Quanto assim a sentença do Pai eterno determina,
Daí resta uma imensa glória a ti, assim, a honra perene,
Imortalmente em relação ao céu, seguirá teus feitos.

E, certamente, a vida dos pólos celestes se compra pela vida presente.

Então, ousa com forte destreza, e sob o fundo do peito finca 280

O nome lembrado do Senhor, que faz a têmpera dos éteres.”

Tendo assim falado, envia o filho para a sua ilustre estréia

E adiciona-lhe quarenta companheiros, e equipa-os com armas;

E manda darem as velas aos ventos, tendo suplicado pela clemência

Divina para que rogue aos começados projetos do jovem.

Logo, a destreza zelosa dos marinheiros puxa o ferro curvo;

E, por um canto alternado, recolhe as amarras contraídas em espirais,

Daí, vira as proas para as ondas ressonantes

Do mar, ao mesmo tempo estende as velas do navio

Em mastros altos, e acolhe as brisas nas cordas estiradas. 290

Bóreas entranha-se no oceano, e agarrando as côncavas velas

Faz mover o casco, ele voa e corta untado o profundo

Sal, e se joga arrastando as entumecidas ondas, ligeiro.

Ora aporta em uns e ora em outros territórios espumantes pelas

Ondas; os murmúrios do mar insano abrandam-se,

Até que a Ursa maior assopra com ventos seguidos;

E através das águas transpostas alcança vilas diversas

De cristãos. Lá, muitos prontamente se juntam, aliados

Ao magnânimo jovem, e acompanham-no para todas eventualidades.

Logo, alegre, e depois de reunir cem homens com firme intenção de lutar 300

E de domar os corações dos selvagens, quase tendo

Percorrido o caminho, conforme já se aproximassem

Junto às fortificações dos cristãos, aos quais trazia auxílio

Oportuno, adentra em espaçoso leito de um grande rio;
E forçando adversamente luta contra a rápida correnteza,
E impele-se às sedes hostis. Ali, o bárbaro hostil
Aglomerara todas suas forças, reunidas de todas as partes:
Algumas aldeias ocultam-se erguidas por entre selvas sombreadas,
Por onde a órbita da Proébea devolve-se inclinada do alto céu polar
Para as águas; outras, áridas, junto a litorais recônditos,
Padecem dos frêmitos das águas que espumam.

310

Toda a juventude selecionada, que escolhera este local,
Erguera ingentes construções e três aldeias com largo
Circuito, e, por todos os lados, entrincheirara cada uma delas
Com vastos troncos, pois, tinha conduzido seis voltas
De lenhos ao redor, fincando imensos troncos à terra,
E ligando as madeiras transversas por grossos cipós.
Era ingente o baluarte, a este adicionou-se não só
Três trincheiras, mas também duas torres, das quais, por todo lado,
Irrompe em pequenas janelas, como aberturas ocultas;
Donde com o arco estridente arremessam leves flechas,
E dão ferimentos letais com as lanças repentinas.

320

Aqui toda legião dos jovens, aos quais era mais acre no interior
O ardor do sangue e a paixão da guerra nefanda,
Compartilhou feroz as armas, arcos e flechas velozes
E lanças ornadas com penas de aves, que a destreza
Bárbara costuma confeccionar com ferro faiscante
E pole com um dente afiado de anta, e cruel fabrica para usos ferozes;

Também couraças terríveis, retalhadas das costas de feras,
Endurecidas ao sol, como escudos horríveis e que bloqueiam os projéteis. 330

Todos vestidos em seus robustos membros com a cor de sua
Nação, uns mancham tanto as bochechas e a fronte,
Quanto o meio das canelas com cor rubra, outros os corpos com negro
Sulco, pintando todas as articulações em diversos entrelaçamentos,
Que até imitam pelo corpo pintado verdadeiras vestes, como
As túnicas que o artífice costuma bordar pela bela arte
Da solerte Minerva com a habilidosa agulha, ou as redes
Que tece, delgadas com múltiplos fios.

Outros desnudaram de penas os peitos e os dorsos
De várias centenas de aves, que tingem com coloração diversa, 340
Fixando-as em volta dos corpos untados com visco;
Muitos ornam as cabeças altivas com asas de aves,
Pendendo muitíssimos laços na crina bem penteada;
E aspectos ferozes deram por seus nus membros, a uns e outros,
Horríveis de se ver, e ameaçantes pelo vulto.

Quando o magnânimo jovem vê que estes se reuniram,
Potentes tanto em armas, quanto em número, para devastarem
Todo povoado dos lusitanos com crueldades calamitosas,
Indignando-se, com o ânimo inquieto, diz: “Eis que conhecemos
As forças selvagens, ó companheiros, a gerar dentro dos peitos 350
O veneno maldito com suas almas iradas, que se enfurecem por ódio
Terrível, a preparar o extermínio e a guerra extrema
Para os nossos; e aqui, para isso, todos os hostis irromperão reunidos

Com todas suas forças, enquanto os furores os estimulam
A executar a atrocidade concebida, caso nossas armas
Não abatam o sangrento plano com começo notável.
Por isso, todos, invictos pelos ânimos, (é, pois, daqui toda a origem
Da guerra), sigamos contra as multidões bárbaras;
Aceleremos os funerais à cruel gente que tem-no
Merecido; agora é o trabalho de Marte, agora há uso para
Nossas forças! O Pai altissonante subsidiará auxílio e robustez
Para nós, do sumo éter; e por sua destra vingadora jogará
Penas merecidas sobre os selvagens hostis, tendo
Se vingado do povo sacrílego, e, inflamado por justas iras,
Devastará com muita matança os cruéis bárbaros.”

360

Quando estes ditos deu, ergueu o peito às armas divinas
E depondo os pesos de suas culpas na alma (se ocupa
A sua mente com algo), dobrou os joelhos ante
O sagrado sacerdote, versando todas estas coisas na mente,
Sacerdote este, que ele piedoso tinha levado consigo para tais atos.
Os heróis abrasaram-se, e absorveram as palavras do grande
Líder no fundo do peito; e tendo seguido o feito insigne,
Purificaram de toda mancha de culpa seus peitos,
Confessaram seus crimes. O ácido amor da guerra deflagra-se
Queimando interiormente; a dor justa adere no meio dos ossos.

370

Já a noite alta tinha percorrido metade da orbe do céu,
E era levada, através do átrio olímpico, inclinada pelo
Carro descendente, toda juventude arroja-se para as armas

Pela exortação do líder, e esforçando-se pela correnteza adversa
 Avançam às aldeias inimigas. O horror do ferro lançou-se 380
 Por todo o rio; espumam as águas, agitados os remos,
 Inúmeros hostis selvagens avançam com passos não
 Demorados; e uns arremessam lanças velocíssimas
 Em terra, outros com leves canoas atravessam a água,
 Daí distendem os arcos afinados: pelo vazio, aqui e ali
 Densas flechas voam com perniciosas asas;
 Os nervos obstruem-se, o ar dá um assobio, enquanto
 As lanças fogem, e em volta murmura contra os ouvidos dos heróis.
 E já a este, e já àquele a turba hostil ataca, irrompendo,
 Com tiro certo, e com a leve flecha causa muitas chagas; a turba hostil 390
 Tanto freme horrendamente quanto trabalha por separá-los da terra.
 Os heróis avançam contra as margens adversas
 Do rio profundo e fendem-no; e castigam as aldeias inimigas
 Com numerosos tiros, que o fogo edaz vomita, envolvendo os ares
 Com negra fumaça, também aterrorizando as fundas margens com seu murmúrio.
 Insta e urge agindo com ânimo violento, o fulminante
 Fernão, pela voz e pela mão (também os jovens restantes
 Seguem-no), e põe em fuga por toda água as tribos hostis.
 Qual Bóreas, quando violento, irrompe do seco Norte
 E persegue as côncavas nuvens pelos espaços vazios; 400
 Estas vencidas vão embora, e põe-se em fuga por todo éter;
 Os nimbos dispersam-se, os altos campos do sumo pólo
 Aparecem, e Bóreas voa vencedor pelos céus azuis, soltas

Suas asas, e lança em céu claro as chamas liberadas:

Não de outra forma o jovem, enquanto os companheiros seguem-no,

Expulsou todos hostis das correntezas do rio. Aqueles, quando

Alcançaram a terra, buscaram suas aldeias em veloz fuga

(correm rápidos assim como as águas com a maior turbulência

de Noto correm para os mares), o temor deu asas aos pés.

Depois as multidões de hostis esconderam-se nos altos vales 420

E obstruíram todos acessos com troncos gigantescos,

Gritam de dentro e com selvagem clamor evocam o profundo

Pólo do céu: quem visse acreditaria que empurravam os astros

Altos com este terrível estrépito, ou que as selvas eram derrubadas

Por terrível redemoinho, e rachava-se a floresta toda com o estrondo.

A uns, uma cabaça curvada solta roucos cantos,

Introduzida por bambus longos que ressoam, outros

Enchem conchas horrendamente sinuosas com sopros,

E ecoam selvagemmente, estas são as tubas do gentio

Maldito. Preparam armas, e enquanto preparam as armas, 430

Misto com furor, o agudo temor se agita, eis que furioso o herói alcançou

As margens fluviais, e tendo pisado na firme areia

Coloca cada um dos homens em apta ordem; os corações

De todos incham, e armados avançam pelas margens

Com passo rápido: reluzem as lanças com rútilo brilho

E espadas de dois gumes, e o fuzil de ferro, que vomita

Estrondosos projéteis, quando a voraz chama agarra a negra

Pólvora, e estende os hostis por precipitada morte.

Ele avança, de longe ante todos os outros é o mais belo,
Fernão, que brilha em suas armas e cintilante pela luz do bronze, 440
Mais firme fincando as pegadas nas areias secas,
E incendeia os companheiros que se ovacionam para a luta.
E já se aproximando das aldeias, todos tanto se instigam em uma
Só voz com ardentes ânimos, quanto ordenam cortar
O baluarte a ferro e destruir totalmente esta gente odiosa.
Colocaram-se contra a aldeia, e deram ferozes gritos
Pela boca fremente; nem ousam os hostis confiar
Em si além do seu campo, ou levar armas ao encontro
Dos varões agressores, mas protegendo-se nas fortificações
E nas torres, mantêm-se em suas aldeias, e juntos atiram 450
Numerosas flechas pelas janelas abertas, e instantaneamente
Fecham-se no acesso do baluarte. Os heróis não sem energia
Avançam sobre ele, e férvidos forçam tanto esta quanto aquela
Entrada, e numerosíssimos tiros pela chama da pólvora lançam
Com o horrível estridor, impetuosos através dos
Leves ares: eles voam e fendem passagens pelos troncos, e prosternam
As terríveis tropas. O líder e toda a juventude avançam
Em densa multidão e projetam suas fortes almas para
Os perigos abertos. Protegidos com um escudo no braço esquerdo
Protegem-se das flechas, vibram as armas estridentes 460
Com as destros, e racham as duras lenhas atacadas por machado.
A via faz-se pela força, arrasam o baluarte, despedaçam os
Orbes antigos dos lenhos com ferro, e separam os troncos

Gigantescos; escancaram-se as portas largas de todos os lados;
Toda legião irrompe com horrível brado, como o rio
Espumante, depois que despedaçou as barreiras opostas,
Por insano impulso, através dos vastos campos, trazendo grandes
Lenhas, e derrubando a selva com horrendo vórtice.

 Imediatamente, foi adicionado novo terror aos hostis,
Quando viram que os varões furiosos romperam as ingentes cercas 470
Com a forte mão, e avançaram a dentro com terríveis machados.
Porém, nem todo furor afasta-se interiormente: a ira e o temor
Juntos ardem nas almas doentes; os hostis aglomeraram-se neste lugar
E repelem os varões com lanças; os que irrompem, trespassam
Com rápidas flechas, também os mutilam com muitos ferimentos,
Aqueles que sem dúvida vão morrer: a esperança de salvação torna-se
Afastada de seus ânimos. Eis que, porém, uma flecha
Jogada, com penas, fendera os ares velozes com um somido horrendo,
E veio sobre o peitoral de um só soldado, e fende suas
Vísceras íntimas: aquele desmoronou arrebatado 480
Pelo ferimento letal, e derrama sua alma. Prontamente,
Estirado o arco, quando dobra-o por suas forças,
O hostil leva para trás o pé direito; e estende os braços
Opostamente, e finca a volátil flecha no corpo de outro,
E este na areia estende a alma que expira derramada;
Segue com um clamor propício, a turba feroz,
Até cresce em seus ânimos, até se desenvolve pelo furor.
(...)

(Versos 485-508)

Nem demora, nem repouso: esmigalha a um hostil 490
As entranhas por suas forças, a espada impelida, e pela cega morte ele
Busca o terrível báratro; prostrado atinge com a boca que se indigna
O solo paterno, e morrendo morde a areia. Outro,
Trespasado quanto ao flanco pelo facão maldito, ressoa
A terra com seu corpo imenso, e vomita o sangue negro
Soluçando, e revolve os membros moribundos.
Outros cem receberam as espadas pontiagudas nas costelas
E nos ventres gordos, o interior da cavidade de seus corpos
Revelaram, e a terra foi encharcada pela víscera derramada.
O líder forte e toda tropa, ao mesmo tempo, incendeiam-se mais 500
E mais, e abatem os corpos inimigos com muitos ferimentos
Letais; já arrancam os braços ornados com penas de aves;
Já com o ferro brilhante degolam os pescoços altivos;
E cortam as faces e bocas pintadas por rubra cor.
Já irrompem entre as têmporas côncavas o meio das frentes,
E enviam as almas indignas para diante dos tristes Tártaros.
Até as armas e golpes ressoam, até o selvagem gemido dos caídos;
Aqui e ali jazem os corpos inimigos trespassados por feridas
Sangrentas, e empapados pelo pó, em todos aldeamentos
O sangue alastra-se, e espumando transborda nas areias. 510
Não tem força a turba, além de amontoar um punhado de homens,
Devastada pelo funeral sangrento; mas mais atrás resistem, e rápidos
Abandonam em fuga as paliçadas, evadem para portas conhecidas.

(...)

(Versos: 525-536)

Não é longa aí a demora da luta, os hostis com os arcos 525
Distendidos não lutavam, nem protegiam a vida pelas armas.
Mas aceleravam a fuga, não confiavam nas aldeias e buscavam
Os muros escarpados da última fortificação, por célere corrida.
Daí o líder, depois que espalhou o hostil pelos projéteis triunfantes,
E cortados os baluartes por ferro, e por terrível matança percorridos, 530
Embora ele próprio e sua tropa tivessem se cansado pelo trabalho
Duplo, e tivessem sido atingidos em seus corpos por muitas flechas,
Contudo, não abandonaram, da nobre mente, o vigor acostumado:
No interior deflagra-se o amor, ou aniquilar as cruéis tropas
Com merecido sacrifício, ou aniquilar a própria vida com a morte por lutar, 535
E conservar a pátria com o próprio sangue.

(...)

(Versos: 554-566)

E se fosse a tal ponto a fé certa, se a destra fosse vívida a todos
Companheiros, e o sangue cáldo no peito, e os grandes 555
Permanecessem ao lado do líder, aquele último dia para os terríveis
Hostis teria levado seus destinos em funeral cruel,
Tê-los-ia enviado para as sombras eternas do Orco!
Mas quanta inconstância comanda as mentes humanas!
Uns e outros se horripilavam; e pelo temor torpe, enquanto 560
Mais e mais percebem aumentarem as multidões bárbaras
Mais se distanciam para trás, a furto, e, do combate sangrento,

Subtraem-se, vulgo covarde sem nome; daí
Retornam às naus, soltando as barcas do litoral, e
Abandonaram o líder, ignaro quanto ao dolo, com poucos 565
Companheiros, entre as dificuldades da selvagem guerra.

(...)

(Versos 597-615)

E já numerosa tropa hostil saturara toda a clareira, firmada com
Novo rubor, e impelia poucos em um certame desigual por suas
Flechas (ajuntaram como estímulos os sofrimentos e o furor selvagem
E os funerais odiosos dos seus), reclamam o jovem líder principalmente 600
E esgotam-no com numerosas pancadas. Ele, contudo, mais
Irado se enfurece, donde repentinamente de tal ânimo
Admirado, de que o inimigo selvagem tenha reunido tantas
Forças: “Não antes disso havia tanta virtude em seu peito,
Não existia esta força à destra”. Só depois sentiu que 605
Os seus desertaram, já caído no meio dos inimigos se enfurecendo
Com o amor da matança, pelo ardor da vitória suprema.

Logo, quando se descobre abandonado e com poucos varões
Entre a multidão de hostis, e que nem pode combater contra tantos,
Escapa das aldeias, e pouco a pouco retrocede mais atrás, 610
Retornando ao rio, e procura com os companheiros as barcas
Atracadas no rio. Evidentemente aqueles outros desprezam a vida
E a autoridade do líder, e longe da margem do rio, afastada
A frota, os torpes tinham obedecido ao temor:
Os que fugiam, tinham-no como comandante. 615

(...)

(Versos 633-662)

Ao redor, os hostis aglomerados empurram-no com clamores

Terríveis, e comprimem-no com flechas, e a tropa selvagem numerosa

Fatiga-o: assim como quando a turba cinge o leão que rosna 635

E infesta-o com dardos, ele atrevido pela ira turva

Ruge atroz, e avançando, aqui ou ali, investe impávido

E despedaça feroz os membros com a boca turva em sangue;

Eles aproximam-se e fincam hastes pelo seu lombo,

Pelas espáduas, insistentemente, até que, varado por muitas feridas, 640

Sucumbe, e fere a terra com o corpo imenso.

Assim, chusma de hostis, cingiram o jovem espremido

Em denso círculo: um ataca com lanças, outro com flechas

A ele, que se esforça demasiadamente em vão, e clamam e irrompem.

Não há demora, nem há descanso; aqui e ali túrbidos 645

Investem e reduplicam golpes, de todos os lados é encoberto,

Lançados os tiros. Dão as armas um estalido, fende-se a armadura

De couraça e o escudo não resiste aos múltiplos golpes.

Muito suor vem através de todo o corpo, e todas as forças

Desfalecem; a garganta sôfrega de sede torra; 650

E doente ele arqueja pelos pulmões a alma fatigada.

E já atravessado em seu peito magnânimo, por múltiplas hastes,

Exala em muito sangue, e as articulações belas tingem-se,

Também ressoando as praias pela queda, desaba

Fincando no céu seus olhos que morrem, e ele 655

Derrama aos ares celestes sua alma invicta.

As próprias selvas, até os montes próximos, até as rochas

E os rios enlutados com suas águas translúcidas

Viram-no caindo com feridas, e gemeram com alta dor.

Ó feliz menino, prostrado na hostil areia,

660

Jazes entre as lanças, por uma bela morte, e entre os hostis,

Tendo antes devastado as selvagens multidões pela forte destra!

7- COMENTÁRIOS

Versos 109-112: *Virtutes summi... pascebat carnibus aluum.*

Do verso 109 ao 112, temos o início do exórdio, que caracteriza o poema anchietano em registro épico:

Virtutes summi diuinaque gesta Parentis,

Et nomen, Rex Christe, tuum; tua facta decusque

Et laudes canere incipiam

(As virtudes do sumo Pai e os feitos divinos, e o teu nome, ó Cristo Rei, teus feitos, tanto a honra, quanto tuas glórias começarei a cantar).

Neste princípio do exórdio, nota-se a perífrase *canere incipiam* em que o futuro do indicativo equivale a um presente desiderativo. A invocação dirige-se ao vocativo *Rex Christe*, cujas *uirtutes* e *diuina gesta*, tanto os *facta maxima*, *decus* e *laudes* serão lembrados em versos (*Aggrediar uersu memorare*, v. 112, Empreenderei a lembrar em verso). Logo, o poema, ainda que esteja se remetendo à tradição cristã, inscreve-se no registro épico clássico.

Versos 113-130: *Magna quibus... clara tenebris.*

Depois deste breve exórdio, e apresentação do eu-lírico, segue-se o argumento do poema e uma apóstrofe, invocação, a Cristo. Neste trecho também é contextualizado o espaço narrativo, como o Brasil do século XVI, território descrito como *inter barbariem* (v. 114).

Neste caractere inicial está a visão humanista, herdada de Cícero, da oposição entre *homo humanus* e o *barbarus*, sendo, também, o território brasileiro caracterizado com um lugar ocupado pelo vento sul, o *Auster*, que causa um ambiente tempestuoso: *pluuuus, furiosis imbribus, nimbos, saeuas procellas, obscuro tegmine, nebularum*.

A amplificação da imagem de tempestade dá-se por uma hipérbole, pelo contraste causado entre *Auster madidat* e *Auster contristat nudas gentes*. A imagem da nudez dos índios em contrapartida ao frio selvagem, tempestuoso, gera um espaço terrivelmente hiperbólico de uma natureza que agride homens desprotegidos.

Cristo é retratado como a luz que chega a esse espaço:

Magna quibus nuper tua mittere lumina uirtus

...coepit Brasillibus oris (v. 113-114)

(Há pouco tua virtude começou a emitir as maiores luzes nos territórios brasileiros).

Cristo é identificado como *Phoebus* (v. 118), dispersando as sombras, secando o solo, como a aurora. Na apóstrofe, entre os versos 119-130, em um trecho mais patente ao registro lírico, com sucessivos apostos: *caeli o lux clara sereni; lumen inoccidum; patrii splendoris imago; fons uberrimus*; temos uma invocação com a finalidade de pedir a inspiração poética: *Ut possim memorare tuae miracula dextrae* (Para que eu possa lembrar os milagres de tua destra). Em seguida, o Brasil é alegorizado como sendo o Tártaro que se tornará o Olimpo. Este combate e a transformação do Tártaro em Olimpo é o que mais aproxima as *diuina gesta* do combate da Titanomaquia:

Tartareis ubi puro orientia Olympo

Lumina discussis fulserunt clara tenebris (v.129-130)

(Quando resplandeceram as luzes claras orientais do puro Olimpo, dissipadas as trevas do Tártaro).

Lumen inoccidum (v. 120) é o aposto de *Iesu* em uma sequência, entre os versos 109-130, que nitidamente evoca o mito hespérico, pois se refere à luz que não se põe. A invocação épica a Cristo, a alusão ao Tártaro (v. 129) e ao Olimpo (v. 129) compõem o espaço dos territórios brasileiros (v. 114) coberto por *obscurum nebularum tegmine* (v. 116), enquanto a chegada de Cristo marca-se como uma aurora. Assim, o ambiente narrado entre os versos 109-130 é o da Titanomaquia narrada tanto por Hesíodo, quanto por Ovídio.

Versos 131-198: *Obtenebrata diu... carcere mentes.*

Os indígenas são descritos como: *Obtenebrata gens barathri caligine caeci, fuit gens australis* (v. 131-132; enquanto há muito tempo foi obscurecida a treva do bátratro cego, viveu a gente do sul), estão velados pela sombra do bátratro, como bestas estão *subiecta colla iugo* (v. 132-133; subjugada em seu pescoço pelo jugo), - note-se o perfeito uso do acusativo de relação *colla*, em sua sintaxe primordial ligada a partes do corpo – seguem os costumes das feras como *tigres, leones, canes*, assim como monstros antropófagos: *Humanis auidam pascebat carnibus aluum* (v. 139, alimentava seu ventre ávido por carnes humanas).

O *dux* da *gens australis* é o *regnator erebi*, que primeiro tentou Adão e Eva no Paraíso bíblico, conforme o livro do Gênesis, de acordo com a oração relativa explicativa que o descreve no poema:

...qui mortem primus in orbem

Induxit, primus seducens fraude parentes (v.141-142)

(Aquele que foi o primeiro a trazer a morte ao mundo, primeiro que seduziu nossos pais pela fraude).

A descrição da *gens australis*, entre os versos 131-154, identifica-se com a dos titãs antropófagos por este relato: *Humanis auidam pascebat carnibus aluum* (v. 139) e como índios adâmicos, pois são induzidos e governados pelo *regnatorem erebi, qui mortem primus in orbem induxit, primus seducens fraude parentes* (v. 141-2). O adjetivo *primus* indica uma alusão ao Gênesis bíblico, à expulsão de Adão do Paraíso.

Esta alusão põe, no combate épico narrado, o *Fabricator Olympi* contra o *Regnator Erebi*, os indígenas, contra os colonos portugueses. A relação entre o *fabricator* e o *regnator, Olympi* e *Erebi*, fundamenta-se na essencial oposição humanista entre *homo humanus* e *barbarus*.

A narrativa é interrompida no verso 146 por: *Donec ab aethereis spectans regionibus oras / Brasilles Pater omnipotens... Misit ab Arctois ultorem criminis oris* (Até que o Pai onipotente observando os territórios brasileiros das regiões etéreas mandou do Norte um vingador deste crime). A ação começa neste ponto, *donec* como um transpositor declara a primeira ação do *Pater omnipotens*, que *ab aethereis* manda um vingador, um *ultor*, o herói Mem de Sá, vindo do Norte (*ab Arctois oris*). A oposição Norte-Olimpo conecta-se em antítese aos *Tartareis oris* da *gens australis*.

Mem de Sá é um herói épico clássico, com características humanistas, é um *homo humanus*, sua *fides Christi, uera Dei pietas* são as principais características que o vinculam ao *Fabricator Olympi*. Com uma oração infinitiva completiva nominal narra-se sua trajetória épica: *zelus eruere e Stygio Brasilles carcere mentes* (v.176-177, zelo de tirar as mentes dos brasileiros do cárcere do Estígio).

Após a descrição hespérica do Brasil, temos a chegada de Mem de Sá, descrito de uma maneira clássica como um herói humanista: *nobilis* (v. 165), *generosus* (v. 165), cuja força física e idade avançada não se antagonizam, e é movido pela *uera Dei pietas*

(v.174), sendo conhecedor das *artes Mineruae* (v. 172). A preparação para o combate de Fernão prossegue na narrativa.

À chegada de Mem de Sá é narrado o *fatum* de Fernão de Sá, a morte em combate, já apresentada pelo narrador. Entre os versos 178-198, a reinscrição do *tópos* da *bela morte* é dado pormenorizadamente. Assim, o martírio, o sacrifício em combate é recompensado: *Mors illi aeternam pariet super aetheram uitam... superoque locabit Olympo* (v.189-190, sua morte vai parir a vida eterna sobre os éteres e o colocará no supremo Olimpo, logo, a saga de Fernão de Sá está apresentada dentro de um contexto épico.

Versos 199-276: *Terra procul... nomen.*

A Capitania do Espírito Santo, palco dos combates de Fernão de Sá, é descrita como o Brasil no exórdio. Temos, assim, uma *terra fecunda*, que sofre das tempestades narradas como reinscrição da Titanomaquia, cercada por todos os lados de montanhas, sendo um ambiente terrível, *deinós*:

Undique quam cingunt montes saxosaque circum

Littora, qua laxis furit humidus Auster habenis,

Turbatis uiolentus aquis, caelum omne fretumque

Inuoluens nimbis, et terras turbine perflans (v. 200-203)

(Terra a que cingem por todos os lados montes e litorais pedregosos, por onde se enfurece o úmido Austro, frouxas amarras, violento com suas águas turvas, envolvendo todo o céu e o estreito com nuvens e assoprando as terras em turbilhão).

O nome *Spiritus Sanctus* (*Spiritus hanc sacro designat nomine Sanctus*, v.204, o Espírito Santo designa esta terra com seu sagrado nome) remete-nos à heresia

joaquinista, que consiste na divisão das três pessoas da Santíssima Trindade em três reinados diferentes: o Pai reinou durante a época do Antigo Testamento, o Filho à época do Novo e o Espírito Santo reinaria daí em diante. Temos, portanto, a criação do espaço narrativo sagrado em que começará a luta entre colonos e índios.

Os índios são *Tamuya ferox*, antropófagos que *captiuoque auuidos impinguat sanguine uentres* (v. 210); engorda os ávidos ventres com sangue cativo. Residem em uma escuridão (*caligo*) interna e externa, tendo *uesanus amor belli e carnis cupido humanae*. Com esta descrição, o narrador reinscreve o indígena na descrição dos *Titanes*, que representam, pois, as forças selvagens, bárbaras.

Segue-se, à narrativa, a chegada de Mem de Sá e o filho ao Espírito Santo. De modo neoclássico, narra-se a passagem do oceano: *Ergo, ubi Neptunum emensus portuque potitus* (v. 221; logo, tendo atravessado Netuno e tendo se apossado do porto), oração com dois participios passados e *ubi* na função de advérbio temporal.

Entre os versos 231-276, temos, no poema, uma *oratio* de Mem de Sá em discurso direto ao filho Fernão, neste ponto insere-se também o *tópos* do *puer senex*, nos versos 233-234. A admoestação do pai, cercada de perguntas retóricas, que exigem ora o presente do indicativo, ora o do subjuntivo, com valor potencial e dubitativo, gera uma tensão do *páthos* heróico de Fernão:

Quae spes obsessis, aut quae fiducia restat?

Unde sibi auxilium poscant? Queis uiribus hostem

Immanem contra pugnent? Quo robore pauci

Innumeras possint tectis arecere cohortes (v. 248-251)

(Qual esperança aos oprimidos, ou qual confiança resta? Onde reclamariam auxílio para si? Com que forças combateriam contra o terrível inimigo? Com qual força poderiam poucos conter inúmeras tribos, em seus abrigos?).

No próprio discurso, as duas possibilidades, vitória ou morte, de Fernão de Sá são levantadas pelo discurso de Mem de Sá por dois conjuntos de orações hipotéticas de valor adverbial condicional: *si te seruabit dextra Tonantis, / Hosteque concedet uictricia signa subacto.../ Illa dies nobis felicior ibit* (v.262-265; se a destra do Tonante conservar-te incólume, o inimigo submisso, e conceder os sinais vitoriosos, este dia será o mais feliz para nós), esta é a possibilidade de vitória. Enquanto para a derrota, seguem estes versos: *si te finis primis manet ultimus annis... hinc immensa manet te gloria* (v.269-273; mas caso te reste um fim derradeiro em teus jovens anos, daí resta a ti uma imensa glória).

Notemos que as orações condicionais são um tipo especial de subordinação adverbial, porque a dependência semântica entre a prótase e a apódose deixam para a sintaxe verbal a nuance de sentido hipotético ou não. No primeiro grupo de orações, que descrevem a vitória possível de Fernão, os verbos da oração principal estão no futuro do indicativo (*seruabit, ibit*), enquanto, no segundo grupo, temos verbos no presente do indicativo (*manet*), futuro perifrástico (*sunt ereptura*) e futuro do indicativo (*sequetur*).

Para determinar eventos possíveis, a sintaxe latina prefere, no período hipotético, o uso do subjuntivo potencial, entretanto, o uso do futuro é estilístico, neste caso, para aumentar o conflito entre o personagem com seu *fatum*.

Versos 277-340: *Sic fatus... uultuque minaces.*

Os preparativos para os combates tomam lugar na narrativa, com cenas rápidas e quadros dinâmicos, que compõem esta sequência de versos. De um lado, os colonos preparam suas embarcações para o ataque, de outro, os índios fortificam suas aldeias. Enquanto os marinheiros : *ergo trahit curuum nautarum dextera ferrum / Sedula, et*

adductos alterna uoce rudentes / Colligit in spiras (v.281-283; logo, a destreza zelosa dos marinheiros puxa o ferro curvo, a âncora, e recolhe as amarras contraídas em espirais por um canto alternado), os índios: *Struxerat ingentes aedes* (v.308; tinha estruturado construções ingentes).

O léxico da navegação: *proras, carbasa, malis, funibus, carinam, uela*; a alegorização de Bóreas: *Incubat oceano Boreas* (Bóreas entranha-se no oceano), a descrição do mar e ventos: *undis, auras, salum, undas, fluctibus, ponti, aequora*, funcionam como amplificação da cena de navegação, que termina com a chegada ao delta de um amplo rio: *Deuenit magni spatiosum fluminis alueum* (v 299; adentra no espaçoso leito de um grande rio).

Os inimigos indígenas estão acampados por todos os lados:

Hic barbarus omnes

Undique collectas acies glomerauerat hostis:

Quaeque per umbrosas (qua se Proebea supremo

Orbita lapsa polo deuoluit in aequora) siluas

Oppida structa latent, quaeque arida, littora propter

Condita turgentum fremitus patituntur aquarum (v.301-306)

(Ali, o bárbaro hostil aglomerara todas suas forças, reunidas de todas as partes; algumas aldeias ocultam-se por entre selvas sombrias, por onde a órbita da Proébea devolve-se inclinada do alto céu polar para as águas; outras, áridas, junto a litorais recônditos, padecem dos frêmitos das águas que espumam).

Note-se que estão voltados ao ocidente, enquanto os heróis vêm do litoral oriente, este combate será em mata cerrada.

Em seguida, as fortificações indígenas são pormenorizadamente descritas. São *tria oppida lato circuitu*, entrincheiradas com *uastis truncis, ter binos orbis lignorum*.

O mais interessante de se notar, nesta descrição, é a estratégia de defesa dos fortes: *uallo tria propugnacula cuique addidit et binas turres, quibus omne fenestras / Per latus exiguas, occulta foramina, rumpit; / Unde leues arcu torquet stridente sagittas, / Datque improuis letalia uulnera telis* (v.313-317; a este baluarte não só adicionou-se três trincheiras, mas também duas torres, das quais, por todo lado, irrompe em pequenas janelas, como aberturas ocultas; donde com o estridente arco arremessam leves flechas, e dão ferimentos letais com as lanças repentinas).

Além desta descrição dos fortes, o preparo dos indígenas, narrado entre os versos 318-340, reforça o caráter titânico do indígena no poema, ao mesmo tempo que nos mostra uma excelente elocução do poeta humanista que adapta a língua do Lácio a novas situações discursivas, como o Brasil do século XVI.

Os indígenas cobrem seus corpos com partes feras, assim, como homens-fera, apresentam-se ao combate: *Atque alios aliosque habitus per nuda dedere membra feri, horribiles uisu, uultuque minaces* (v.339-340; e deram a uns e outros pelos nus membros os aspectos de fera, horríveis de ver, ameaçantes pelo vulto). As pinturas indígenas são comparadas às *artes sollertis Mineruae*. Podemos notar que a cultura de guerra dos colonos e indígenas é posta em evidência neste preâmbulo dos combates.

Versos 341-404: *Hos ubi... addidit alas.*

O encontro entre os combatentes dá-se nos versos 341-342: *Hos ubi magnanimus numeroque armisque potentes / Conuenisse uidet iuuenis* (quando o magnânimo jovem vê que se reuniram, potentes em número e em armas), quando Fernão de Sá vê os índios reunidos, daí incita os *socii* aos combates. Note-se o uso clássico do subjuntivo de exortação: *tendamus barbara contra agmina, e: crudeli*

properemus funera genti (v.353-354; sigamos contra as multidões bárbaras; aceleremos os funerais à cruel gente).

O combate ultrapassa a madrugada:

Iam medium caeli nox alta peregerat orbem

Deuexoque ferebatur per Olympica curru

Atria decliuis, ruit omnis ad arma iuuentus

Hortatu ducis, aduersum nitensque per amnem,

Castra inimica petunt (v.371-375)

(Já a noite alta tinha percorrido metade do orbe do céu, e era levada através do átrio olímpico, inclinada pelo carro descendente. Toda a juventude arroja-se para as armas pela exortação do líder, e esforçando-se pela correnteza adversa avançam às aldeias inimigas).

O ataque de Fernão é descrito por um típico recurso do registro épico, o símile.

O narrador compara-o a Bóreas, o vento Norte, como um vento que dispersa as trevas e as tempestades, trazendo a luz do sol de volta, símile apropriada à luta de Fernão e ao exórdio do poema:

Qualis ubi sicca Boreas uiolentus ab Arcto

Irruit, insequiturque cauas per inania nubes

Atria; concedunt uictae, totoque fugantur

Aethere; diffugiunt nimbi; summi alta patescunt

Arua poli; uolat ille citis per caerula pennis

Victor, et in claro dat libera flamina caelo

Haud aliter iuuenis, sociis comitantibus, omnes

Flumineis hostes e fluctibus expulit (v.394-401)

(Qual Bóreas, quando violento, irrompe do seco Norte e persegue as côncavas nuvens pelos espaços vazios; estas vencidas vão embora, e põe-se em fuga por todo éter; os nimbos dispersam-se, os altos campos do sumo pólo aparecem, e Bóreas voa vencedor pelos céus azuis, soltas suas asas, e lança em céu claro as chamas liberadas: não de outra forma o jovem, enquanto os companheiros seguem-no, expulsou todos hostis das correntezas do rio).

Quando os combates se iniciam, a descrição das armas de fogo reforça esta descrição titânica: *crebrisque inimica fatigant castra globis, quos ignis edax uomit, aerea fumo inuoluens piceo, et caua murmure littora terrens* (v.388-390; com numerosos tiros castigam as aldeias inimigas, globos que o fogo edaz vomita, envolvendo os ares com negra fumaça, e aterrorizando as fundas margens com um murmúrio), favorecendo ainda mais este aspecto, os símiles invocam tempestades (v.391-404), em um combate noturno.

Versos 405-472: *Ut sese inclusere... gliscit furore.*

Irrompe o combate, com hipérboles típicas do registro épico, o narrador descreve a sequência de lutas:

Ut sese inclusere altis hostilia uallis agmina,

Stipitibusque aditus ingentibus omnes

Obstruxere, fremunt intus, saeuoque profundum

Sollicitant clamore polum: ruere ardua credas

Sidera cum strepitu immani, uel turbine siluas

Horrifico sterni, et scindi nemus omne fragore (v.405-410)

(Depois as multidões de hostis esconderam-se nos altos vales e obstruíram todos acessos com troncos gigantescos, gritam de dentro e com selvagem clamor evocam o profundo pólo do céu: quem visse acreditaria que empurravam os astros altos com este terrível estrépito, ou que as selvas eram derrubadas por terrível redemoinho, e rachava-se a floresta toda com o estrondo).

Note-se neste trecho a utilização da 2^a pessoa com valor de sujeito indefinido em *credas*.

A personificação das armas: *glandes quod uomit horrisonas* (v. 422; que vomita tiros horríveis) invoca a presença de monstros titânicos, assim como os símiles que mostram os combates como uma luta entre elementos naturais:

Irrumpit fremitu horrifico legio omnis, ut amnis

Spumeus, oppositas postquam conamine moles

Obruit insano per uastos grandia campos

Ligna trahens, sternensque horrendo uortice siluas (v.450-453)

(Toda legião irrompe com horrível brado, como o rio espumante , depois irrompe por insano impulso as barreiras opostas, através dos vastos campos, trazendo grandes lenhas, e derrubando a selva com horrendo vórtice).

O combate mostra-se equilibrado inicialmente, embora os heróis avancem rumo às aldeias devido ao temor dos indígenas. A descrição épica das mortes iguala-se ao estilo clássico homérico e virgiliano na busca por detalhes:

Ecce autem pennis allapsa sagittas

Horrendo celeres sonitu diuerberat auras,

Et uenit unius sub pectora milites, atque

Intima rimatur praecordia: corruit ille

Vulnere confossus letali, animamque profundit (v.462-466)

(Eis que, porém, uma flecha jogada, com penas, fendera os ares velozes com um somido horrendo, e veio sobre o peitoral de um só soldado, e fende suas vísceras íntimas: aquele desmoronou arrebatado pelo ferimento letal, e derrama sua alma).

Nos versos seguintes narra-se um morticínio total.

Versos 485-508: *Nec mora... euadere portis.*

Nec mora, nec requies (v. 485), o trecho que começa a partir deste sintagma virgiliano marca-se por um acirrado combate com caráter épico pela descrição das lutas, cenas sucessivas de mutilações e golpes. Contudo, o não discernimento de personagens, pois há apenas *hostes* para descrever os índios, e apenas um herói nomeado, contraria o sistema épico clássico em que o acúmulo de glória dá-se por vencer um adversário nobre de longa estirpe.

Assim, Fernão de Sá não é Enéias combatendo *Turnus*, ou Aquiles combatendo Heitor, a narrativa de Anchieta contraria o paradigma clássico porque seu herói segue os *exempla* do Humanismo, a grande luta de Fernão é contra a antropofagia, próxima à perspectiva da Titanomaquia, que é a luta para a fundação de uma civilização, não o acúmulo irrestrito de glória. Dessa forma o combate não é contra a *gens australis*, mas, nesta perspectiva, contra o *regnator erebi*.

A sequência destes versos marca-nos por uma impressão da selvageria épica dos combates, com mutilações hiperbólicas. O inferno helênico, o Tártaro, é aludido: *Indignasque animas sub tristia Tartara mittunt* (mandam as indignas almas para diante do triste Tártaro), sendo a guerra retratada como um movimento de catábase.

Há um forte componente hilético nas descrições, pois os sentidos, da visão, do tato e da audição são saturados: *Arma sonant saeuique ictus gemitusque cadentum* (as armas e os selvagens gemidos dos que caem ressoam), e: *huic uiribus ensis adactus / Pectora perrumpit, caecoque immane barathrum / Vulnere scrutatur; petit indignante paternum / Ore solum pronus, moriensque remordet arenam*, por fim, *Ille, latus dira confixus cuspide, terram / Immani plangit tergo, reuomitque cruorem / Singultans atrum moribundaque membra reuoluit* (v.485-488).

(esmigalha a um hostil as entranhas por suas forças, a espada impelida; e pela cega morte ele busca o terrível bátrio; prostrado atinge com a boca que se indigna o solo paterno, e morrendo morde a areia... outro, ferido em seu flanco pela terrível espada, ressoa a terra com seu imenso tronco, e vomita sangue negro, soluçando e revolve os membros moribundos).

As hipérboles, as descrições sinestésicas, que compõem um forte referencial hilético, juntam-se à tensão gerada pelo sintagma virgiliano inicial deste trecho. A litote *nec mora, nec requies* acompanha o uso de termos intensos como *sternunt, spumans, scindunt, uiscere*, enquanto se fecha a cena central deste ponto da narrativa: *et fuso madidata est uiscere tellus* (v. 494; encharcou-se a terra toda com o sangue derramado).

Este grau de tensão épica mostra-nos um domínio pleno da arte poética clássica pelo poeta humanista, que traça Fernão, seu herói no livro I, como um combatente jovem e colérico, que ultrapassa a medida racional do *homo humanus* do Humanismo, o que gera um contexto de causa e efeito para a inserção do *tópos* da bela morte a seguir.

Versos 525-536: *Non hic... seruare cruore.*

O recuo dos indígenas é rápido: *Non hic longa mora est pugnae* (não é longa a demora aí para a luta). Esta oração formada por dois advérbios (*non, hic*), um nominativo sujeito (*mora*), outro nominativo, adjetivo predicativo (*longa*), verbo de ligação (*est*) e um dativo de finalidade (*pugnae*), inicia outra sequência do poema.

Temos uma grande riqueza gramatical neste trecho. As orações que se seguem mostram-nos um uso clássico do infinitivo presente com valor sintático de um presente histórico, o que no português bem se traduz pelo imperfeito do indicativo ou o presente, tempos de valor neutral, segundo Evanildo Bechara. Vejamos esses versos: *non arcibus hostes pugnare intentis, uitamque per arma tueri, e: Sed celerare fugam, nec castris fidere, et arcis moenia postremae celeri petere ardua cursu* (v.525-528, não lutavam os inimigos com arcos estendidos, e protegiam a vida pelas armas; mas aceleravam a fuga, nem confiavam nos acampamentos, e buscava os muros árduos da última fortificação, por célere corrida).

Em seguida, temos o uso do particípio passado acompanhado de ablativo absoluto, com valor de oração adverbial reduzida: *Hic dux, effuso telis uictricibus hoste, et uallis ferro scissis, ac caede peracta ingenti* (v.529-531; daí, o líder, depois que espalhou o hostil pelos projéteis triunfantes, e cortados os baluartes pelo ferro, e por terrível matança percorridos).

Versos 554-566: *Atque adeo... discrimina belli.*

Este trecho inicia-se com um período hipotético, cujo valor de hipótese é a impossibilidade de realização da ação verbal. No caso, a realização verbal seria vitória de Fernão de Sá:

Atque adeo si certa fides, si uiuida cunctis

Dextra foret sociis, calidusque in pectore sanguis

Et magni haesissent lateri ducis: ultima diris

Hostibus ille dies crudeli fata tulissent

Funere, et aeternas Orci torsisset ad umbras (v.554-558).

(E se fosse a tal ponto a fé certa, se a destra fosse vívida a todos companheiros, e o sangue cálido no peito, e os grandes permanecessem ao lado do líder, aquele último dia para os terríveis hostis teria levado seus destinos em funeral cruel: tê-los-ia enviado para as sombras eternas do Orco!).

O período hipotético constitui-se, neste caso, de verbos da oração principal em imperfeito e mais-que-perfeito do subjuntivo, já os verbos da oração subordinada em pretéritos-mais-que-perfeito do subjuntivo. Dessa forma é a sintaxe verbal determinante do valor semântico do grupo oracional, no período hipotético, o que o difere de outros padrões adverbiais, em que a conjunção resguarda a carga semântica do tipo de adjunto, regendo o verbo.

Os *socii*, em fuga, perdem totalmente seu caractere heróico, e o narrador faz uma repreensão dentro da estética épica: *subducunt pugnae, ignauum sine nomine uulgu* (v.563; subtraem-se da pugna, ignavo vulgo sem nome). Os desertores são uma turba sem nome, que fogem e desamparam Fernão com poucos de seus soldados, logo, a deserção será o *leitmotiv* da morte do herói.

O abandono de Fernão de Sá por seus companheiros, durante o combate, é o início da nova temática narrativa deste combate, será o estopim da reinscrição do *tópos* da *pulchra mors* na saga de Fernão. O *tópos* da bela morte, saga de Aquiles na Ilíada, que encontra ecos na *Eneida*, com Niso e Euríalo, do jovem que combate sabendo que o futuro será morrer em combate, é a maior exaltação épica do poema e ápice do livro I do *De Gestis*. O *pauor* dos *socii* e o herói *furens* são as vozes complementares da cena.

Vernant descreve assim a *bela morte* (VERNANT, 2001, p. 407-417):

“Assim como existem duas formas de vida, uma, breve, gloriosa, do herói, outra, longa, declinante e sem glória, do comum dos mortais; assim como existem também duas formas de morrer na guerra: a *bela morte*, que confere seu esplendor ao valor do jovem, e a morte feia, degradante e vergonhosa do velho” (*op. cit.*, 2001, p. 411).

Versos 597-615: *Iamque cohors... fugientibus ille.*

Neste trecho, Fernão de Sá percebe a deserção dos companheiros: *retroque recedit paulatim, fluium repetens, pactasque requirit cum sociis cymbas in flumine* (v. 610-612; retrocede mais atrás paulatinamente, buscando o rio de novo, e requisita com os companheiros as barcas amarradas no rio). A grande incidência do prefixo *re* e de verbos compostos, só neste trecho ao todo são 6, mostram-nos o exato apuro do uso da língua latina pelo poeta. Pois a nuance descritiva de: *excedit castris, retroque recedit paulatim*, mostra-nos a situação psicológica do personagem, que primeiro *excedit*, atravessa os acampamentos. O prefixo *ex* denota um movimento de saída, uma perspectiva de avanço, logo, em seguida temos o sintagma *retroque recedit paulatim*.

A duplicação do sufixo *re* com a presença do advérbio *retro* indica-nos uma mudança brusca de atitude do personagem, que passa de um movimento de avanço para um de retorno, o advérbio de modo *paulatim* reforça esta idéia da passagem de uma ação impetuosa para um modo cauteloso de agir. Estas nuances linguísticas compõem o detalhamento psicológico de ação do personagem, logo, Fernão é preparado para enfrentar a *bela morte*.

Sintaticamente, cabe notar a presença de um dativo de posse em uma outra sequência de bela estruturação também: *timori paruerant turpi: dux est fugientibus ille* (v. 614-615; os torpes obedeceram ao temor, tinham-no por comandante).

Versos 633-662: *Quem circum... agmina dextra.*

Neste ponto da narrativa, Fernão de Sá, já isolado, sem chances de fuga, encontra-se cercado por indígenas de todos os lados. Esta situação de impossibilidade de resolução da situação de conflito gera um caráter trágico na última luta como um martírio. Assim, o único símile possível é a comparação com o leão solitário lutando contra caçadores:

Quem circum glomerati hostes clamoribus urgent

Terrificis, telisque premunt, et crebra fatigat

Saeua manus: ceu frendentem cum turba leonem

Cingit, et infestat iaculis, ille improbus ira

Rugit atrox, et torua tuens, hunc impetit aut hunc

Impavidus laniatque artus ferus ore cruento;

Illi instant, figuntque hastas per terga, per armos

Certatim, donec confossus uulnere multo,

Occumbit, laeditque immani corpore terram

Sic iuuenem obsessum densa cinxere corona

Hostilis globus (v.635-643)

(Ao redor, os hostis aglomerados empurram-no com clamores terríveis, e comprimem-no com flechas, e a tropa selvagem numerosa fatiga-o: assim como quando a turba cinge o leão que rosna e infesta-o com dardos, ele atrevido pela ira turva ruge atroz, e

avançando, aqui ou ali, investe impávido e despedaça feroz os membros com a boca turva em sangue; eles aproximam-se e fincam hastes pelo seu lombo, pelas espáduas, insistentemente, até que, varado por muitas feridas, sucumbe, e fere a terra com o corpo imenso. Assim, chusma de hostis, cingiram o jovem espremido em denso círculo).

A morte de Fernão de Sá é narrada como um momento de passagem, quando a luz do dia em seus olhos fenece, mirando o é um momento de epifania, v. 652-656:

Et iam multiplici confossus arundine pectus

Magnanimum, multo distillat sanguine, et artus

Intingit pulchros; et casu littora plangens

Occubat, infigens morientia lumina caelo,

Inuictam animam caelestes fundit in auras.

(E já atravessado em seu peito magnânimo, por múltiplas hastes, exala em muito sangue, e as articulações belas tingem-se, também ressoando as praias pela queda, desaba, fincando no céu os olhos que morrem, ele derrama aos ares celestes sua alma invicta).

Logo, a própria natureza, personificada por animismo, com um recurso caro a Virgílio, é a primeira a sentir o impacto da morte do jovem:

Ipsae illum silvae et rupes montesque propinqui,

Maestaque cum uitreis labentem flumina lymphis

Vulneribus uidere, alto et gemuere dolore (v.657-659).

(As próprias selvas, até os montes próximos, até as rochas e os rios enlutados com suas águas translúcidas viram-no caindo com feridas, e gemeram com alta dor).

A sequência seguinte será formada por um longo panegírico em homenagem à morte em combate de Fernão. No início deste discurso do narrador, após esta grande saga épica no Brasil colonial, pode se reinscrever o *tópos* da *bela morte*:

O felix puer, hostili prostratus arena

Pulchra morte iaces inter tela, inter et hostes,

Saeua prius forti deuastans agmine dextra! (v.660-662)

(Ó feliz menino, prostrado na hostil areia, jazes entre as lanças, por uma bela morte, e entre os hostis, tendo antes devastado as selvagens multidões pela forte destra!).

8-CONCLUSÃO

No desenvolvimento do *De Gestis*, percebemos que dois momentos míticos são fundamentais em sua estrutura: a *aurea aetas* e a *Titanomachia*. Ainda que não expressos diretamente, ambos os mitos presentes remetem-nos ao mito medieval das Ilhas Brasil e este ao arcaico mito grego da ilha das Hespérides, que fazem parte de uma cosmogonia maior: o mito Hespérico.

A *Titanomachia* é o combate entre deuses olímpicos e Titãs, que, no *De Gestis*, reflete-se na luta contra a antropofagia titânica indígena, porque é nesta base mítica que há o choque entre o *homo humanus* e o *barbarus* indígena. Assim, reinscreve-se, no poema anchietano, o mito do ocidente.

O *corpus* anchietano reflete em si as concepções de um jesuíta e humanista frente à tarefa de catequizar o *Nouus Mundus*. Este projeto colonial, também jesuítico, que resultou na maior nação católica, atualmente, e em um país continental com o maior grupamento de falantes de uma língua neolatina, sofreu processos de transfigurações étnicas abruptas, mas se firmou como nação e Estado ocidental.

Não foram os jesuítas que trouxeram a idéia clássica e medieval do Brasil hespérico para a colônia lusitana da América, mas pela educação, sua maior arma, conseguiram desenvolvê-la e fixá-la como uma verdadeira identidade ocidental. A primeira marca dessa identidade é o *De Gestis*, que integra o Brasil ao Humanismo Português e ao mundo Greco-romano. Dessa forma, nos séculos subsequentes à expulsão da Cia. de Jesus do Brasil, o Humanismo ainda será uma marca da identidade nacional.

O *corpus* anchietano em latim, valiosíssimo em seu valor documental, mostra-se também muito rico por seu valor literário. Temos neste poeta humanista plurivalente

uma riqueza estilística no manejo da língua do Lácio, que vai desde à sintaxe, ao léxico, passando pelo domínio completo das estruturas mais variadas da língua latina, assim como do estilo épico.

Neste trabalho, procuramos mostrar como o *De Gestis* integra-se à tradição novilatina, ao mesmo tempo interpretando o poema a partir do mito do ocidente. Embora nem todos os aspectos do poema pudessem ser contemplados, faltou-nos, por exemplo, um estudo sobre a métrica, o hexâmetro épico, sobre a imitação de modelos clássicos, entre outros assuntos, entretanto, buscamos fazer uma exegese geral do poema, traduzindo-o a partir de uma saga específica, a de Fernão de Sá. O nosso intuito não foi esgotar todas as soluções de análise para o *De Gestis*, mas ampliar com mais um estudo o que já foi dito sobre este magnífico texto.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Capistrano. *O Descobrimento do Brasil pelos Portugueses*. Rio de Janeiro: Laemmert e Co., 1900.
- ANCHIETA, Joseph. *De Gestis Mendi de Saa*. São Paulo: Loyola, 1970.
- _____. *De Beata Virgine Dei Matre Maria*. São Paulo: Loyola, 1991, 2 v.
- _____. *Poemas eucarísticos e outros*. São Paulo: Loyola, 1975.
- _____. *De Gestis Mendi de Saa*. Ed. fac-similar da *editio* 1563. Rio de Janeiro: Ed. Biblioteca Nacional, 1997.
- _____. *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Anchieta*. Rio de Janeiro: ABL, 1933.
- _____. *Poesias*. Ed. Fac-similar e crítica de M. de L. de Paula Martins. São Paulo: EdUsp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.
- _____. *Teatro de Anchieta*. São Paulo: Loyola, 1977.
- _____. *De Gestis Mendi de Saa. Poema dos feitos de Mem de Sá*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1958.
- BAILLY, Anatole. *Dictionnaire grec-français*. Paris: Hachette, 1965.
- Bíblia sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. 8ª impressão. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1981.
- BAIÃO, Antônio *et alii*. *História da expansão portuguesa no mundo*. Lisboa: Ática, 1937, 3v.
- BLÁZQUEZ, José Maria. *España Romana*. Madri, 1996.
- BRANDÃO, Junito. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1986. 3 vols.
- CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Texto estabelecido por Epifânio Dias. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1944.
- CANDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1997.
- CAXA, Quirício. *José de Anchieta*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.
- CHADWICK, Owen. *A Reforma*. Lisboa: Ulisseia, 1964.
- CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque. Histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1983. 2 vols.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1954.

- CUNHA, Celso. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. 7^a ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1977.
- DIAS, José Sebastião da Silva. *A política cultural da época de D. João III*. Coimbra, 1969.
- _____. *Os descobrimentos e a política cultural do séc. XVI*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1973.
- Enciclopédia Verbo*. Lisboa: Editorial Verbo, 2000.
- ERNOUT, Alfred et THOMAS, François. *Syntaxe Latine*. Paris: Klincksieck, 1951.
- FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: FAE, 1995.
- _____. *Fonética histórica do Latim*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.
- FARREL, S. J.. Alan. *The jesuit ratio studiorum of 1599*. Detroit: University of Detroit, Conference of Major Jesuits, 1970.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala- formação da família brasileira sob regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950. 2 v.
- FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1991.
- GAFFIOT, F. *Dictionnaire illustré latin français*. Paris: Hachette, 1960.
- GRIMAL, Pierre. *Dictionnaire de la Mythologie grecque et romaine*. Paris: PUF, 1999.
- HESÍODO. *Teogonia*. Tradução JAA Torrano. Petrópolis: Vozes, 1994.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Visão do Paraíso- os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- _____. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, 18 ed: José Olympio, 1986.
- HOMERUS. *Odyssea*. Editionem recognovit P. Von der Muehll. Stutgard: Teubner, 1962.
- HONORATUS, Maurus Servius. *Seruii Grammatici qui feruntur in Vergilii carmina commentarii*. Recensuerunt Georgius Thilo et Hermannus Hagen. Leipzig. B. G. Teubner. 1881.
- HORACE. *Ouvres complètes*. Paris: Garnier, [s.d]. 2v.
- _____. *Odes et epodes*. Paris : Belle lettres, 1954.
- HORTA, Guida Nedda B. P. . A Titanomaquia. In: *Calíope- presença clássica*. No. 9. Rio de Janeiro: Departamento de Letras Clássicas / UFRJ, 1993. P..154-155.
- LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 2004, 4v.

- LISBOA, João Francisco. *Crônica do Brasil colonial e Apontamentos para a história do Maranhão*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- MELLO E SOUZA, Laura. *O diabo e a terra de Santa Cruz*. São Paulo: Cia. Das letras, 1994.
- NETO, Serafim da Silva. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1992.
- _____. *História do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1977.
- _____. *Introdução ao estudo da filologia portuguesa*. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.
- _____. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença, 1977.
- NÓBREGA, Manuel da. *Diálogo sobre a conversão do gentio*. Preliminares, anotações e críticas de Serafim Leite. Lisboa: Comissão do quarto centenário de São Paulo, 1954.
- OVIDE. *Les Metamorphoses*. Paris: Garnier, [s.d.]. 2 vols.
- PECK, Harry Thurston. *Harpers Dictionary of Classical Antiquities*. Nova Iorque: Harpers and Brothers, 1898.
- PEREIRA, Moacyr Soares. *A navegação de 1501 ao Brasil e Américo Vespúcio*. Rio de Janeiro: Asa, 1984.
- PEREIRA, Sílvio Batista. *Vocabulário da Carta de Pero Vaz de Caminha*. Edição seguida de texto fac-similar e leitura diplomática do manuscrito autógrafo. Rio de Janeiro: INL, 1964.
- PERES, Damião. *História dos descobrimentos portugueses*. Porto: Portucalense, 1943.
- POLACK, W. G. *The Story of Luther*. Concordia Publishing House, 1931.
- PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 22^a ed, 1992.
- RAMALHO, Américo da Costa. *Estudos sobre a época do Renascimento*. Coimbra, Instituto de Alta Cultura, 1969.
- _____. *Estudos sobre o Século XVI*. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.

- SILVA, Marilda Evangelista S.. O episódio da ilha dos amores, numa visão renascentista. In: *Calíope*. Janeiro / Junho de 1985, Ano II, no. 2. Rio de Janeiro: Departamento de Letras Clássicas / UFRJ. P. 81-90.
- TANNUS, Carlos Antônio Kalil. *Um poeta latino do séc. XVI: Antônio de Cabedo*. Tese de doutoramento em Língua e literatura latina apresentada à coordenação do curso de pós-graduação da faculdade de letras da UFRJ. Rio de Janeiro: 1988, 238 fls., mimeo.
- VASCONCELOS, S. J., P. Simão. *Vida do venerável Padre Anchieta. (1623)* Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.
- VERNANT, Jean Pierre. *Entre mito e política*. São Paulo: Edusp, 2001.
- _____. *Mito e pensamento entre os gregos*. São Paulo: DIFEL, 1973.
- VIDOS, Benedek Elemér. *Manual de linguística românica*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.
- VIRGILE. *Enéide*. Texte établi et traduit par Henri Goelzer. Paris: Belle Lettres, 1974. 2vols.
- VIRGILIUS, Publius. *Opera*. Paris: Hachette, 1904.